

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LICENCIATURA LÍNGUA E LITERATURA
JAPONESA

MARIA LUIZA TOKOBARO AZEVEDO

FENÔMENO BULLYING NAS ESCOLAS DO JAPÃO E DO
BRASIL: ESTUDO DE CASO DOS NIPO-BRASILEIROS

BRASÍLIA
2022

MARIA LUIZA TOKOBARO AZEVEDO

FENÔMENO BULLYING NAS ESCOLAS DO JAPÃO E DO
BRASIL: ESTUDO DE CASO DOS NIPO-BRASILEIROS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa, da Universidade de Brasília.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Yuko Takano

BRASÍLIA
2022

MARIA LUIZA TOKOBARO AZEVEDO

FENÔMENO BULLYING NAS ESCOLAS DO JAPÃO E DO BRASIL: ESTUDO DE
CASO DOS NIPO-BRASILEIROS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa, da Universidade de Brasília.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Yuko Takano

Aprovado em:

Orientador (a) Prof.^a Dra. Yuko Takano

Data

Examinador (a): Prof. Dr. Fausto Pinheiro Pereira

Data

Examinador (a): Prof. Dr. Marcus Vinícius de Lira Ferreira Tanaka

Data

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos imigrantes que vieram ao Brasil e a todos os nipo-brasileiros, que estabeleceram raízes nesta nova terra ou retornaram ao país do sol nascente. Em especial, dedico este trabalho a toda minha família *nikkei*, os que já se foram e os que permanecem.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu avô, Rui Suniti Tokobaro, uma das inspirações para eu embarcar nas pesquisas sobre meu passado, meus ascendentes e nossas origens, e compreender as partes boas e as partes ruins, que não devem ser esquecidas, dessa jornada de gerações.

Gostaria de agradecer à minha mãe, Mydory Faustino Tokobaro, por sempre me apoiar da melhor maneira possível durante toda a minha vida e porque se não fosse por ela e seu incentivo materno talvez eu não tivesse concluído nem metade deste trabalho. Da mesma forma, agradeço a Prof.^a Dr.^a Yuko Takano por não me deixar desistir e com seu otimismo, empatia, paciência e perseverança ter me auxiliado durante todo o processo desta pesquisa.

Agradeço aos meus amigos, muitos para que possam ser todos citados, por sempre estarem do meu lado, por me incentivarem nos meus piores momentos e comemorarem comigo os melhores. Obrigada pelas broncas e pela paciência em me esperar terminar esta pesquisa para podermos sair.

Agradeço à minha família *nikkei*, a de sangue e a de coração pelas cidades de Gunma-ken e São Paulo, alguns no paraíso, além da minha família brasileira, por sempre sorrirem para mim e me fazerem sorrir e crescer bem.

Agradeço também a cada professor do curso de Letras e Literatura Japonesa da UnB, os quais me guiaram durante esses anos para que eu chegasse até aqui.

Meus agradecimentos a cada colaborador e pela sua participação nesta pesquisa, já que sem os depoimentos não poderia ter sido possível sua conclusão. Por tanto, agradeço pelo tempo e a vontade em ajudar na produção deste TCC assim como pela coragem de falar sobre um assunto tão delicado.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram e ainda me ajudam a desvendar minha identidade, perdida muito antes de eu nascer. Em especial, a Sasha Sayumi, pois se você não tivesse se matriculado na minha escola talvez eu nunca questionasse diversas coisas necessárias. Mas também, obrigada a todos aqueles que um dia fizeram *bullying* com a minha etnia, o meu nome e a minha aparência, por abrirem os meus olhos para uma realidade, me fazerem mais forte e também inspirarem esta pesquisa.

Amo todos vocês. Minha eterna gratidão e apreço.

“Não é errado que alguém seja diferente de nós mesmos. Acho que a igualdade começa não por discernir o que é certo ou errado, mas por aceitar nossas diferenças”

– Min Yoongi

RESUMO

A seguinte monografia reflete sobre o fenômeno *bullying* que ocorre com os descendentes de nipo-brasileiros no cenário escolar do Brasil e do Japão. O longo histórico de (i)migração dos dois países criou situações e consequências ao longo dos anos as quais são importantes para referenciar o presente estudo. Assim, através desta monografia busca-se entender como o *bullying* pode fazer parte da vida escolar desses jovens e quais são as implicações para a adaptação deles em um país estrangeiro. *Bullying* é um tópico recente de estudo, apesar de ser um fenômeno que ocorre muito antes de ganhar uma nomenclatura. Por definição, diz respeito ao ato de amedrontar ou machucar uma pessoa causando consequências que vão de físicas à psicológicas. Entretanto, Fante (2005), um dos maiores nomes sobre o assunto no Brasil, ainda complementa a definição do fenômeno apresentando características específicas, como a repetitividade e as razões psíquicas por trás das ações do ato de *bullying*. Em contrapartida, considerando o envolvimento de um grupo social étnico, faz-se necessário compreender sobre as motivações do *bullying* com nipo-brasileiros, além das suas diferenças quanto ao preconceito. Assim, através de uma metodologia de estudo de caso (GIL, 2009) de cunho qualitativo, foram realizados questionários e entrevistas com nipo-brasileiros a fim de analisar um contexto mais específico do *bullying* através da experiência real compartilhada pelos colaboradores. Através dos depoimentos também foi possível entender os impactos sociais e acadêmicos do fenômeno na vida desses *nikkeis*, isto é, as consequências geradas para que se pudesse discutir o caminho para uma solução e uma boa convivência dos nipo-brasileiros no país em que moram.

Palavras-chaves: *Nikkei*. Nipo-Brasileiro. Imigração japonesa. *Bullying*. Preconceito.

ABSTRACT

The following monograph reflects on the bullying phenomenon that occurs with the descendants of Japanese-Brazilians in schools in Brazil and Japan. The long history of (i)migration of the two countries has created situations and consequences over the years, which are important for reference in the present study. Therefore, through this monograph, we aim to understand how bullying can be part of the school life of these young people and what are the implications for their adaptation in a foreign country. Bullying is a recent topic of study that occurs long before it gained a nomenclature. By definition, it concerns the act of frightening or hurting a person causing consequences that goes from physical to psychological. However, Fante (2005), one of the biggest names on the subject in Brazil, still complements the definition of the phenomenon by presenting specific characteristics such as repetitiveness and the psychic reasons behind the actions of the bullying. On the other hand, considering the involvement of an ethnic social group, it is necessary to understand the motivations for bullying with Japanese-Brazilians, in addition to its difference in terms of prejudice. Based on a qualitative case study methodology (GIL, 2009), questionnaires and interviews were made with Japanese-Brazilians in order to analyze a more specific context of bullying through the real experience shared by the collaborators. Through the testimonies, it was also possible to understand the social and academic impacts of the phenomenon on the lives of these *nikkeis*, that is, the consequences generated so that the path to a solution and a good coexistence of Japanese-Brazilians in the country where they live could be discussed.

Key words: *Nikkei*. Japanese Brazilian. Japanese immigration. *Bullying*. Prejudice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama de Venn mostrando as relações entre os conceitos de agressão, violência e bullying (extraído de Olweus, 1999a, p.13 apud MARTINS, 2005, p. 106)
.....**Erro! Indicador não definido.**

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	1
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização	1
1.2 Justificativa e problematização	3
1.3 Objetivo da pesquisa	4
1.3.1. Objetivo Geral	5
1.3.2. Objetivos específicos.....	5
1.4 Perguntas de pesquisa	5
1.5 Estrutura do trabalho	5
CAPÍTULO II	7
2 MIGRAÇÃO BRASIL-JAPÃO: A HISTÓRIA NIKKEI	7
2.1 Os imigrantes japoneses: rumo ao brasil e a adaptação	8
2.1.1 O início da imigração.....	9
2.1.2 Segunda Guerra Mundial	10
2.1.3 Pós-Segunda guerra	11
2.2 Os imigrantes brasileiros - o fenômeno decasségui, do Brasil para o Japão	11
CAPÍTULO III	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1 Bullying	14
3.1.1. Conceito	14
3.1.2. <i>Bullying</i> , um comportamento sistemático, e suas motivações.....	16
3.1.3. A relação do <i>bullying</i> com a violência e a agressividade.....	24
3.2 <i>Bullying</i> e Preconceito	26
3.3 As consequências do <i>bullying</i>, um problema de saúde pública	29
CAPÍTULO IV	33

4 METODOLOGIA	33
4.1 Cunho qualitativo.....	33
4.2 Metodologia: Estudo de Caso.....	34
4.3 Contexto da pesquisa.....	35
4.4 Perfil dos colaboradores.....	36
4.5 Instrumentos aplicados.....	36
4.6 Considerações éticas.....	37
CAPÍTULO V.....	38
5 ANÁLISE DE DADOS.....	38
5.1 Contextualização da análise de pesquisa.....	38
5.2 Análise de depoimentos.....	39
5.3 Relato da Xuxa.....	44
5.4 O prejuízo aos jovens.....	48
CAPÍTULO VI.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6.1 Retomando os objetivos de pesquisa.....	52
6.2 Retomando as perguntas de pesquisa.....	52
6.3 Conclusão.....	53
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE A	59
APÊNDICE B	64
APÊNDICE C	74
APÊNDICE D	75
APÊNDICE E	76

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO

No mundo atual, existe crescentemente uma troca de contato de sociedades, na qual a consequência é a miscigenação biológica e de linguagem, além de uma partilha de diversidades culturais, de religiões, etnias, etc. Esse contato é resultado principalmente de fluxos migratórios ocorridos em diferentes épocas decorrente de distintas motivações. Apesar da riqueza plural gerada pela miscigenação de povos, também não se exclui os diferentes prejuízos ocasionados, como preconceitos e discriminações. Assim como o preconceito, o *bullying* não é um fenômeno atual, apesar dos estudos sobre o tema serem deveras recentes. Buscando aprofundar os conhecimentos sobre o fenômeno fazendo uma correlação com os preconceitos experienciados pelos nipo-brasileiros¹, este trabalho tem como o objetivo entender como o *bullying* pode ocorrer no cotidiano escolar de crianças e jovens *nikkeis*. Além do mais, busca-se entender as problemáticas do assunto quanto ao desenvolvimento desses jovens na escola e ao longo da vida.

1.1 Contextualização

A importância desta pesquisa, além da conscientização quanto ao preconceito e as dificuldades vividas pelos *nikkeis*², gira em torno da segurança escolar e do estilo de vida dos estudantes – mesmo que neste caso o foco esteja nos descendentes nipo-brasileiros. A escola é uma pequena sociedade em que as crianças e os adolescentes desenvolvem senso de moral e ética, além de aprenderem a exercer cidadania. A criação de valores como igualdade, comunhão e

¹ Em termos básicos, nipo-brasileiro é um termo acadêmico usado para designar brasileiros que são descendentes de japoneses, tanto aqueles que vivem no Japão, quanto aqueles que moram no Brasil. Pode se referir, também, a japoneses e seus descendentes que moram no Brasil. (KONIGAME, 2011)

² Para essa pesquisa, utilizar-se-á da palavra *nikkei* ou *nikkeis* para se referir às pessoas de origem japonesa e seus descendentes. A palavra terá como base a definição de Kiyoshi Harada (*et al.*, 2008) em seu livro “O Nikkei no Brasil” no qual caracteriza como *nikkei* pessoas de origem japonesa e seus descendentes que construíram comunidades e estilos único de vida dentro do contexto das sociedades do país para os quais migraram e vivem. Além disso, também são caracterizados como *nikkeis* aqueles que passaram a estabelecer identidades distintas da população japonesa quando partiram para o Japão. Os *nikkeis* são divididos em *isseis* (nativos), *nisseis* (filhos de *isseis*), *sanseis* (netos de *isseis*), *yonseis* (bisnetos de *isseis*) e, Harada traz outro componente em seu livro, os *goseis* (tataranetos de *isseis*).

respeito também fazem parte da educação conforme a Lei Nº 13.005/2014, Art. 2ª 2, parágrafos III, V e X, da PNE (Plano Nacional de Educação) que dizem:

Art. 2º São diretrizes do PNE (Brasil, 2014):

III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;
V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;
X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

Nesse cenário, este estudo procura averiguar as ocorrências de *bullying*, que tem sua gênese na recusa em se aceitar qualquer forma de diferença, e entender a respeito do preconceito, ao pesquisar sobre o problema e dar vozes a situações que muitas vezes ficam no silêncio. Levantar essas vozes é necessário, uma vez que o estudo sobre o tema no mundo acadêmico, ainda, é pouco estudado. De acordo com Martins (2005), as primeiras investigações sobre o fenômeno começaram no final dos anos 70 em países escandinavos, sendo Dan Olweus (1995, 1997, 1999^a) considerado um dos maiores nomes do tema. No Brasil, os primeiros trabalhos sobre *bullying* são datados durante o final dos anos 90 e início dos anos 2000, durante pesquisas e observação de comportamentos agressivos em escolas (ANTUNES, 2008). Como se pode perceber, por ser de caráter recente, o *bullying* ainda carece de pesquisa, em especial, que foquem em casos específicos como este trabalho visa fazer.

O *bullying* pode ou não ter uma natureza violenta e diz respeito a um desequilíbrio de poder entre partes num determinado ambiente, para fins desta pesquisa, focamos no ambiente escolar. Essas situações podem causar sequelas físicas, psicológicas, entre outras, no tempo presente ou perdurar no futuro. Ademais, o *bullying* também pode ocorrer baseado em motivações preconceituosas.

No Brasil, o preconceito ainda é presente apesar da Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que diz respeito sobre o preconceito motivado por raça ou cor, cujos Artigos 1º e 20, respectivamente, decretam:

Art.1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei nº 9.459 de 15/05/97)
Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (Redação dada pela Lei nº 9.459 de 15/05/97). (Brasil, 1989)

Para tanto, esta pesquisa tem o objetivo de não apenas abranger o conhecimento sobre um fenômeno agressivo, cada vez mais preocupante no cenário da educação, *bullying*, como também possibilitar compreender melhor suas motivações e diferentes cenários. Logo, será trabalhado a possível correlação do *bullying* com o preconceito etno-racial voltado a um grupo específico da sociedade Brasil-Japão: *nikkeis* brasileiros. Através dessa reflexão, talvez seja possível identificar a possibilidade de estudar as facilidades ou dificuldades de adaptação de crianças e adolescentes *nikkeis* nas escolas japonesas e brasileiras.

1.2 Justificativa e problematização

Um dos exemplos mais recentes de preconceito que pode ser referido no ano de 2020 aconteceu quando o mundo vivenciou a pandemia do COVID-19. Em diversos países ocorreram exemplos de casos de violência e descriminalização voltado a imigrantes e descendentes asiáticos, em especial, os chineses, em decorrência da origem da propagação do Coronavírus.

Apenas nos Estados Unidos, os crimes de ódio cometidos contra a população Asiática cresceram em 339% em 2021 de acordo com os dados coletados pelo *Center for the Study of Hate and Extremism* (Centro para o Estudo de Ódio e Extremismo). Entre alguns exemplos, destacam-se a agressão a uma mulher asiática de 67 anos que recebeu 125 golpes no rosto e na cabeça em Nova York. Já no estado da Geórgia houve um ataque de tiroteio a um *spa*, entre oito das vítimas, seis tinham descendência asiática. O atirador tinha um histórico de fotos usando camisetas culpando a China pelo Coronavírus, apesar de negar motivações racistas pelo seu ato (TUBAMOTO, 2022).

No Brasil, o preconceito ainda é presente apesar da Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que diz respeito sobre o preconceito motivado por raça ou cor, cujos Artigos 1º e 20, respectivamente, decretam:

Art.1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (Redação dada pela Lei nº 9.459 de 15/05/97). (Brasil, 1989)

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça,

cor, etnia, religião ou procedência nacional (Redação dada pela Lei nº 9.459 de 15/05/97). (Brasil, 1989)

Esse preconceito também é recorrente contra a população *nikkei* brasileira. Ainda usando a situação recente causada pela pandemia, casos de agressões tanto físicas quanto verbais foram relatadas pela população de descendentes asiáticos no Brasil. De acordo com uma reportagem do Jornal Folha de São Paulo (NAKAMURA; TERA0, 2021), Caroline Mika Sasaki (21) relatou receber comentários ofensivos e constrangedores no metrô como ouvir uma mulher gritar: “volta para o seu país, coronavírus, porque você não é bem-vinda aqui”. Já Fernanda Yumi Tagashira (20) relatou o seguinte incidente no ambiente de trabalho em que fazia estágio: “Ela espirrou álcool na minha cara e falou, dando risada: ‘olha o coronavírus, olha o coronavírus’. O álcool pegou no meu rosto e no meu olho e ardeu muito. Voltei a trabalhar com o olho ardendo”.

A existência do preconceito etno-racial contra os *nikkeis* brasileiros é um assunto importante, preocupante, mas que cotidianamente parece ganhar pouca atenção. Especialmente quando se trata do Brasil, a casa da maior população de origem japonesa fora do Japão, com aproximadamente 2 milhões de japoneses e descendentes, de acordo com a Embaixada Japonesa. Fora isso, conforme o Censo do IBGE de 2010, o Brasil apresenta quase 50 mil japoneses nativos residentes, número que representa cerca de 11,4% da população migratória brasileira (REVISTA MUSEU, 2022).

Como se pode perceber a possibilidade de descriminalização sobre a população de imigrantes e descendentes em determinado país e as diversas situações prejudiciais possíveis ainda são presentes. Nessa perspectiva, esta pesquisa visa refletir sobre as dificuldades sociais pelas quais descendentes *nikkeis* que vivem no Brasil e no Japão passam. O foco, em especial, será a respeito do fenômeno *bullying* com motivações xenofóbicas ou preconceituosas que os filhos, netos e bisnetos desses imigrantes podem experimentar em ambiente escolar, seja no Japão ou no Brasil.

1.3 Objetivo da pesquisa

1.3.1. Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa é compreender o fenômeno *bullying* e as motivações preconceituosas que os nipo-brasileiros sofrem no cenário escolar Japão e Brasil.

1.3.2. Objetivos específicos

- a) Compreender o contexto dos possíveis casos de *bullying* ocorridos com os nipo-brasileiros;
- b) Identificar contextos e motivações para a ocorrência de *bullying* contra alunos que se encaixam no perfil de nipo-brasileiro nas escolas;
- c) Identificar se o *bullying* interfere no aprendizado de língua desses alunos e sua adaptação social no cenário escolar Brasil e Japão;

1.4 Perguntas de pesquisa

- a) Existem alunos descendentes nipo-brasileiros que experienciam *bullying* por conta de sua etnia? Se sim, como o *bullying* acontece nas escolas japonesas e nas escolas brasileiras?
- b) Como o *bullying* voltado para *nikkeis* pode afetar na aprendizagem da língua? O *bullying* também interfere na adaptação social desses alunos?

1.5 Estrutura do trabalho

Capítulo 1: Introdução. Nessa seção apresenta-se as bases para esta pesquisa. Para tanto, descreve-se a realidade de preconceito e *bullying*, especialmente na sociedade brasileira. Para tanto, também apresentamos o objetivo geral e os objetivos específicos, além das perguntas que norteiam esta pesquisa.

Capítulo 2: Migração Brasil-Japão: a História Nikkei. Neste capítulo será apresentado um breve contexto da imigração japonesa, durante o período em que

os imigrantes vieram ao Brasil e depois quando os nipo-brasileiros emigraram para o Japão.

Capítulo 3: Fundamentação Teórica. Nessa seção serão esclarecidos os conceitos de *bullying*, como ele ocorre e suas consequências. Assim como, para melhor entendimento, apresentamos a comparação do fenômeno *bullying* com os conceitos de agressão, violência e preconceito.

Capítulo 4: Metodologia. Explicação sobre o cunho qualitativo e o método de estudo de caso, base para a produção desta pesquisa. Também são apresentados o perfil dos colaboradores e as condições de aplicação da coleta de dados, incluindo o contexto da pesquisa e os instrumentos aplicados.

Capítulo 5: Análise de dados. Nessa sessão, utilizando da coleta de dados feita por meio de questionário e entrevista, iremos correlacionar as reflexões da Fundamentação Teórica com as experiências dos colaboradores para fins de análise.

Capítulo 6: Considerações finais. Por fim, conclui-se esta monografia retomando o objetivo geral e os objetivos específicos, além das perguntas de pesquisa.

CAPÍTULO II

2 MIGRAÇÃO BRASIL-JAPÃO: A HISTÓRIA *NIKKEI*

No início do século XX, em busca de melhores condições de vida e influenciados por propagandas de migração, diversos japoneses rumaram em direção ao Brasil dando início a mais de cem anos de história de migração nipo-brasileira. Por volta de 1980, então, houve o contra fluxo migratório, quando os japoneses e seus descendentes, os nipo-brasileiros, retornam ao Japão ou conhecem pela primeira vez a terra de seus antepassados.

Para isso, vale comentar sobre a expressão português “decasségui”, neologismo da palavra japonesa 「出稼ぎ」 (lê-se *dekasegi*). Sendo uma combinação das palavras 「出る=deru」 (“partir”) e 「稼ぐ=kasegu」 (“trabalhar duro”; “fazer dinheiro, lucrar”), *dekasegi* significa “Trabalhador Imigrante” em português, ou literalmente, “sair do lar para trabalhar”. Essa expressão, ou o “fenômeno decasségui” foi então utilizada para se referir aos imigrantes japoneses vindos do Japão para o Brasil e posteriormente aos nipo-brasileiros que emigraram para o Japão. (COSTA, 2007)

Existe uma diferença de 80 anos entre as imigrações do Japão e do Brasil, mas em muitos aspectos as condições da migração de ambos são deveras semelhantes. Particularmente, os brasileiros e os japoneses apresentam muitas divergências culturais e de costumes, logo, não é improvável que ambos pudessem ter tido dificuldades de adaptação. Discriminação contra imigrantes era, e ainda é, um grande problema. Naquela época, e talvez um pouco ainda hoje, os imigrantes sentiam que seus costumes e hábitos eram inaceitáveis para a maior parte da sociedade na qual estavam inseridos. Somado às complicações com a língua estrangeira, esses imigrantes passaram a se isolar em comunidades.

Neste capítulo será apresentado um breve contexto da migração japonesa. Na primeira parte, discorre-se sobre a mudança dos japoneses para o Brasil durante o século XX e, na segunda parte, sobre o retorno dos descendentes dos imigrantes rumo à terra prometida do sol nascente, o Japão. O contexto de migração é importante para se entender o trajeto dessas pessoas durante os anos, assim como as influências históricas para as dificuldades sociais que enfrentaram.

2.1 Os imigrantes japoneses: rumo ao Brasil e a adaptação

A imigração japonesa foi apenas possível com a assinatura do primeiro tratado de igualdade entre os dois países chamado “Tratado de Amizade, Comércio e Navegação” (日伯修好通商航海条約=*nichiwakushuukoutsuushoukoukaijyouyaku*) em 1895. As circunstâncias da época em ambos os países também foram motivadoras e favoráveis para que o fluxo migratório entre o Brasil e o Japão ocorresse.

A restauração Meiji no Japão deu início a um êxodo rural que causou uma saturação nas cidades e conseqüentemente um aumento de desemprego, fazendo com que houvesse o estímulo à imigração como solução de curto prazo. Já o Brasil, cuja a maior fonte econômica da época era a monocultura do café, se adaptava ao fim do regime escravocrata em 1888, buscando nos imigrantes a solução para uma mão de obra barata, ainda que inicialmente a preferência fosse por imigrantes europeus (HARADA *et al.*, 2008).

O primeiro navio a trazer imigrantes japoneses para o Brasil foi o *Kasato Maru* (笠戸丸), que partindo de Kobe, aportou em Santos em 18 de junho de 1908, trazendo 781 passageiros. Aproximadamente dois anos depois, em maio de 1910, também partindo de Kobe e atracando em Santos, o navio *Ryojun Maru* (旅順丸) chegou com mais 906 imigrantes. Durante os anos de 1912 e 1914, mais dez levas de imigrantes japoneses chegaram ao Brasil contabilizando um total de 14.892 pessoas (HARADA *et al.*, 2008). Estima-se que até a Segunda Guerra Mundial cerca de 190.000 pessoas haviam migrado do Japão para o Brasil, após a guerra e com o reatamento das relações diplomáticas entre ambos os países em 1952, ao menos 60.000 japoneses migraram para o Brasil. Atualmente com a multiplicação dos imigrantes e seus descendentes, de acordo com a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, o Brasil conta com pelo menos 1,9 milhão de *nikkeis*, sendo o país com o maior número de representantes (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Os imigrantes japoneses fazem parte da sociedade brasileira desde 1908, tecnicamente, contabilizando mais de um século de história. Durante esse tempo, não foram poucas as dificuldades enfrentadas por eles e seus descendentes. Como a maioria dos imigrantes japoneses morava em comunidades rurais, eles tiveram

pouco contato com os costumes brasileiros, sendo, portanto, capazes de preservar seus valores japoneses em sua grande maioria. Entretanto, isso contribuiu para a desconfiança dos brasileiros em relação aos japoneses, e mais tarde, antes e durante a Segunda Guerra mundial, os estrangeiros foram forçados a se moldarem a cultura brasileira, gerando discriminação e conflitos culturais, como veremos a seguir.

A fim de contextualizar melhor essa longa história, dividimos esse período em três partes: “O início da imigração”, “Segunda Guerra Mundial” e “Pós-Segunda Guerra”.

2.1.1 O início da imigração

Como já comentado, a mão de obra imigrante foi incentivada, principalmente, com fins de substituir a mão de obra escrava das lavouras de café brasileiras. Nesse contexto, não tardou para que os imigrantes japoneses se vissem presos a rotinas exaustivas e repetitivas de um trabalho árduo nos cafezais. O pagamento muitas vezes não era suficiente para ao menos sustentar a alimentação e a saúde da família. Muitas vezes os japoneses se viam vítimas de débitos que interferiam em seu objetivo principal e maior sonho: “enriquecer em alguns anos e retornar ao Japão como vencedor” (HARADA *et al.*, 2008, p.22). Com condições péssimas de trabalho, não tardou para que muitos imigrantes fugissem das fazendas a eles designadas ou não renovassem os contratos de trabalho, alguns ainda foram capazes de adquirirem as próprias terras (HARADA *et al.*, 2008), assim em pouco tempo cresciam as colônias japonesas. De acordo com Harada (*et al.*, 2008), essas colônias eram comunidades fechadas que tinham o objetivo de manter a língua japonesa, os costumes e a educação dos filhos, isto é, fazer prevalecer o modo de vida japonês. O principal motivo para isso estava no fato de que os japoneses sonhavam em voltar logo para a terra natal, sem intenções de se integrarem completamente na sociedade brasileira ou gerarem choques culturais. Entretanto, essas colônias logo se mostraram suspeitas e uma ameaça no ponto de vista da elite da política brasileira da época (HARADA *et al.*, 2008), fato que fomentaria ainda mais os prejuízos sociais para os imigrantes japoneses durante a Segunda Guerra.

2.1.2 Segunda Guerra Mundial

Antes mesmo da guerra, a comunidade japonesa sofria por causa de medidas do governo brasileiro. Os imigrantes não europeus, muito antes de migrarem, como foi comentado, já não eram bem vistos pela sociedade brasileira e logo as retaliações aumentaram com o governo de Getúlio Vargas. Em 1936, o Brasil passou a tomar medidas para reduzir o fluxo de imigrantes que entravam no país e proibir sua concentração (HARADA *et al.*, 2008), além de os forçar a se inserirem na “Cultura Brasileira” de raízes portuguesas. Em 1937, durante o Estado novo – período nacionalista e ditatorial brasileiro, houve repressões à cultura, educação e aos direitos dos imigrantes. Por exemplo, publicações e transmissões de rádios em japonês foram proibidas e os imigrantes não podiam participar de atividades políticas ou formar qualquer tipo de associação. Com o começo da Segunda Guerra Mundial, durante o Estado Novo, os problemas de discriminação contra os imigrantes estrangeiros, especialmente daqueles cuja a nacionalidade fazia parte dos países do Eixo, aumentaram:

Limitações de toda a ordem foram impostas aos súditos do Eixo, tais como: o deslocamento coativo das pessoas que se encontravam em áreas consideradas de segurança nacional; o confisco de bens; a proibição do ensino e do uso da língua de origem; a proibição de rádios, jornais e revistas em japonês; o fechamento de escolas japonesas e do consulado japonês; as prisões indiscriminadas por suspeitas de espionagem. (HARADA *et al.*, 2008, p. 98)

Assim vários imigrantes podiam ser presos pelo simples fato de falarem sua língua materna em público. O confisco de jornais e revistas em japonês, além do rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Japão, conseqüentemente tornava os japoneses leigos em relação aos acontecimentos da guerra. Isso no futuro viria a contribuir para fomentar desavenças entre integrantes da comunidade cujos atos de terrorismo causariam impacto ainda mais negativo na visão da sociedade brasileira em relação aos japoneses. Em outras palavras, surgiu uma rivalidade entre os japoneses que acreditavam na vitória do Japão na Guerra, “*kachigumi*” (勝ち組), e aqueles que aceitavam a derrota japonesa, “*makegumi*” (負け組) (HARADA *et al.*, 2008).

2.1.3 Pós-Segunda guerra

Apesar do período sombrio para a história da imigração japonesa, foi durante a época da guerra que os japoneses desistiram da ideia de apenas ganhar dinheiro e voltar para o Japão. Durante esse período os imigrantes japoneses “tomaram consciência definitiva de que o Brasil era a sua segunda pátria, passando a dar novo rumo às suas vidas e à educação” (HARADA *et al.*, 2008, p. 387). As condições do Japão pós-guerra contribuíram para que muitas famílias japonesas passassem a se preparar para criarem seus filhos na sociedade brasileira se mudando para as cidades buscando, por exemplo, melhores escolas e universidades. Inclusive, houve muitos imigrantes que decidiram continuar a viver no Brasil por terem conseguido adquirir condições de vida boas e estáveis. Surge assim a ideia de fixação definitiva no Brasil e para isso os imigrantes iniciam um longo processo de integração social, conquistando seu espaço e conseqüentemente enfraquecendo as “colônias japonesas” (HARADA *et al.*, 2008). Claro, durante esse período, década de 50, o preconceito e a discriminação sofrida pelos *nikkeis* ainda era enorme. Entretanto, foi também após a guerra, entre 1963 e 1980, de acordo com Harada (*et al.*, 2008) que a integração social somada ao interesse pelas suas raízes japonesas impulsionado pela ascensão do Japão como segunda potência mundial, que o *nikkei* busca pelas suas origens, iniciando uma etapa de identificação e partilha da sua cultura com a sociedade brasileira.

Assim, com o passar dos anos e até os dias atuais, os descendentes de japoneses foram capazes de desfrutar e assimilar completamente a cultura do Brasil afirmando sua própria identidade nacional brasileira. Tal assimilação foi possível sem que os *nikkeis* deixassem de lado seus valores básicos japoneses e tradições, o que contribuiu como um todo para que também fosse possível a partilha desse legado no país que escolheram viver (HARADA *et al.*, 2008).

2.2 Os imigrantes brasileiros - o fenômeno decasségui, do Brasil para o Japão

A partir de 1962, com a progressiva recuperação da economia japonesa, a emigração japonesa começou a diminuir, reduzida de tal forma que na década de 1980 o número de imigrantes chegou a um dígito, mesmo com a facilidade de locomoção da época trazida pelas vias aéreas (HARADA *et al.*, 2008). De acordo

com Costa (2007), a desmotivação pela emigração se aconteceu por dois fatores: (1) o novo elevado padrão de vida e bem-estar doméstico e (2) o investimento do Japão em um alto grau de educação e qualidade técnica da população japonesa visando uma mão-de-obra interna qualificada para o perfil produtivo japonês³ - um dos exemplos sendo o setor de serviços. Em contrapartida, enquanto que na década de 80 o Japão vivia uma era de euforia econômica, o Brasil passava pelo que se conheceu como a “década perdida no Brasil”, fruto de uma onda desenfreada de inflação, recessão, desemprego entre outros (HARADA *et al.*, 2008).

Com o crescimento da economia japonesa, os jovens passaram a dar mais preferência ao setor terciário do que ao setor secundário gerando uma carência de mão-de-obra nas grandes indústrias – algumas empresas chegaram a falir por serem incapazes de cumprir as demandas e prazos. Essa situação somada a baixa tendência demográfica japonesa que começava durante a década de 80 e a população cada vez mais envelhecida, transformou o Japão de um país exportador para país importador de mão-de-obra (COSTA, 2007; HARADA *et al.*, 2008). Entretanto, o país, proibido por lei, não podia trazer imigrantes não qualificados, e logo, os empresários se lembraram dos emigrantes japoneses nos países da América do Sul. Inicialmente, o Japão deu preferência aos japoneses emigrantes ou aqueles com dupla nacionalidade por terem nascido no Brasil, porém com a demanda de mão-de-obra, que apenas crescia, logo filhos e parentes também passaram a ser recrutados (HARADA *et al.*, 2008).

Com isso, até 1987, os vistos concedidos apenas pelo Consulado-Geral do Japão em São Paulo eram de aproximadamente 5.000 por ano. Em 1988 cresceu para 8.600, e em 1989, eram cerca de 18.400. Esse número apenas cresceu após a mudança da lei de imigração japonesa em 1990 – Lei de Controle de Imigração e Reconhecimento de Refugiados⁴, o número de pedidos anuais de visto então passou para 48.100. De acordo com Harada (*et al.*, 2008), esses imigrantes iam trabalhar em locais conhecidos como 3K (*kitsui, kitanai, kiken*⁵), normalmente pequenas e médias empresas que fabricavam peças ou eram colaboradores de grandes indústrias. Em suma, eram locais de trabalhos perigosos e exaustivos no qual os

³ O Japão, na época, promovia setores de alta-tecnologia, engenharia de precisão e serviços, além de indústrias automobilísticas, naval e de eletrônicos.

⁴ Essa lei criou “uma categoria especial de visto para filhos e netos de japoneses, bem como para os respectivos cônjuges não descendentes” ((NINOMIYA, 2011, p. 282), flexibilizando as relações de trabalho (NAKAGAWA, 2011, p. 3210)

⁵ Respectivamente, em tradução livre, árduo, sujo e perigoso

jovens japoneses não tinham vontade de trabalhar e que, portanto, possuíam grande oferta de emprego.

Assim como os imigrantes japoneses que vieram ao Brasil no início do século XX, os nipo-brasileiros também passaram por problemas de adaptação no Japão. Os *isseis* foram aqueles que mais se adaptaram ao novo cotidiano, seja no trabalho ou entre a sociedade, sendo, portanto, os mais adeptos a permanecerem no país, dominando a língua e a cultura japonesa. Por outro lado, por razões afetivas, “a grande maioria dos *nisseis*, alegando que tinham deixado sua família e amigos, optaram por retornar ao Brasil.” (HARADA *et al.*, 2008, p. 321). Hoje em dia, o Japão é o terceiro país com o maior número de brasileiros, muito provavelmente nipo-brasileiros e suas famílias. De acordo com dados recentes do Ministério da Justiça, estima-se que por volta de 206 mil brasileiros residem no Japão (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022).

CAPÍTULO III

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo pretende-se apresentar os de *bullying*, a fim de se criar uma base para as discussões dessa pesquisa. Assim, poder-se-á identificar como esse fenômeno no cotidiano escolar dos nipo-brasileiros entrevistados.

3.1 Bullying

Neste tópico será discutido o significado de *bullying*. Para tanto, na primeira parte, 3.2.1 *Conceito*, será explicado os conceitos de *bullying* de forma literal. Isto é, seu conceito e significado de acordo com dicionários e traduções, além da própria origem da palavra. Dando continuidade, na segunda parte, 3.2.2 *Bullying, um comportamento sistemático, e suas motivações*, discutimos o fenômeno *bullying*. Nesse caso, serão apresentados os cenários, personagens e motivações para que o *bullying* ocorra, a fim de diferenciá-lo de outras formas de agressões e violências. Tal diferenciação é então fomentada na seção: 3.2.3 *A relação do bullying com a violência e a agressividade*. Logo depois, apresentamos as diferenças entre o fenômeno *bullying* e preconceito no capítulo 3.2 *Bullying e Preconceito*. Por fim, entendemos um pouco quanto as consequências possíveis de ocorrerem por cauda do *bullying* na última sessão deste tópico: 3.3 *As consequências do bullying, um problema de saúde pública*.

3.1.1. Conceito

De origem inglesa, a palavra “*bullying*” é definida pelo dicionário Cambridge, em tradução livre, como “o comportamento de uma pessoa que machuca ou amedronta uma pessoa menor ou com menos poder, normalmente forçando a pessoa a fazer alguma coisa que ela não queira”. “*Bull*” em inglês significa “touro” ou “valentão” (RAMOS, 2007, p. 1) e “*bully*” se refere a alguém que machuca ou amedronta outra pessoa (*Cambridge Dictionary*).

A fenômeno ‘*bullying*’ também apresenta uma gama de palavras correspondentes ao seu significado em diversas línguas. Como por exemplo, na Áustria, existem palavras como *sekkieren*, *gemein sein* ou *angreifen*⁶, que fazem referência à alguma característica do *bullying*. No Japão, existe a palavra いじめ (*ijime*), cuja definição envolve uma criança que causa consequências físicas ou psicológicas à outras crianças, incluindo por meio da internet. Na Alemanha, outra palavra relacionada ao *bullying* é *hänseln*, que significa fazer graça de uma pessoa ou importuná-la sem que ela possa ser capaz de fazer algo contra ou se proteger. Outras línguas como chinês, norueguês, francês, alemão, grego, italiano, entre outros, também apresentam conceitos que caracterizam ações denominadas de *bullying*. Por causa disso, a palavra *bullying* passou a ser usada em pesquisas de forma quase universal pelos países do globo, incluindo o Brasil, visando facilitar seu estudo (ANTUNES, 2008). A pesquisadora Antunes, ainda abrange seu significado ao dizer:

Assim, pode-se dizer que a palavra *bullying* deixou de ser um termo com um significado cotidiano, dos dicionários, onde pode ser encontrado como “maltratar/intimidar” (HOUAISS & CARDIM, 1996), e passou a representar um conceito utilizado pela comunidade científica para referir determinadas relações de violência, sejam físicas ou psicológicas, entre colegas em diferentes ambiente e contextos, entre eles o escolar. (ANTUNES, 2008, p. 27)

Bullying é um conceito utilizado para caracterizar certas situações específicas em que ocorrem ações semelhantes prejudiciais as quais apresentam consequências sociais ou individuais. Antunes (2008) explana que de acordo com Olweus (1993) a preocupação com o fenômeno e as pesquisas sobre o tema começaram apenas por volta dos anos 60 mostrando o quão recente e atual este tópico ainda é no mundo acadêmico ou até social. Apesar disso, os impactos causados pelo *bullying* são cada vez maiores. Grande exemplo disso é o fato de o *bullying*, associado ao sentimento de vingança, ser um dos maiores motivadores para ataques nas escolas, segundo estudo realizado pelo serviço secreto dos EUA. Confirme a pesquisa, apresentada pelo psiquiatra americano Timothy Brewerton, o *bullying* motivou 87% dos ataques em 66 escolas pelo mundo entre 1966 e 2011 (O GLOBO).

⁶ “*bullying*”, “ser mal” e “atacar”, respectivamente, em tradução livre.

No inglês, o sufixo *-ing* é usado em verbos e coloquialmente em substantivos para dar forma ao verbo contínuo, logo ao acoplar essa estrutura a palavra “*bully*” criasse o sentido da ação de estar machucando ou amedrontando outra pessoa – “estar praticando ‘*bully*’”. Essa definição gramatical ajuda na lógica em entender outro conceito importante sobre o *bullying* - ainda que não seja completamente aceito por pesquisadores como atenta Smith (2002, apud ANTUNES, 2008): a continuidade. De acordo com Antunes, Olweus (1993) caracteriza a natureza desses comportamentos agressivos como repetitiva. Isto é, uma pessoa acaba sendo alvo de *bullying* por diversas vezes sem conseguir ser capaz de cessar os maus tratos de forma definitiva. Ou seja, basicamente, o *bullying* pode ser definido como ações negativas repetitivas contra um estudante. Logo, assim como o uso do sufixo *-ing* marca a continuidade da ação do verbo, neste caso no substantivo “*bully*”, o *bullying* também é caracterizado pelas suas ações prejudiciais contínuas.

Entretanto, quando se pensa além dos conceitos básicos e literais dos dicionários ou das pesquisas é possível mapear as diferentes atitudes cujo os contextos e cenários as classificam exclusivamente como *bullying*. Além disso, iremos ressaltar especialmente as características que fazem com que o *bullying* se diferencie de violência e agressão, e principalmente do fenômeno do preconceito.

3.1.2. *Bullying*, um comportamento sistemático, e suas motivações

Entre setembro de 2002 e outubro de 2003, a ABRAPIA⁷ (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), com o objetivo de identificar as características dos comportamentos agressivos dos estudantes a fim de reduzi-los, realizou um estudo com alunos do ensino fundamental. De acordo com a percepção dos estudantes quanto à prática de *bullying* nas escolas, durante a pesquisa inicial, 69,3% dos jovens disseram que acreditavam que o *bullying* se trata de uma brincadeira. Já na avaliação final do projeto, 25,2% admitiam que o *bullying* é um ato de maldade. (NETO, 2005, p. 3)

⁷ Organização não governamental dedicada à promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes.

Antes de tudo, vale lembrar que esse fenômeno pode acontecer em diversos contextos como familiar, profissional, laboral e comunitário (MARTINS, 2005, p. 103), porém para esta pesquisa toma-se como foco o ambiente escolar.

O *bullying*, apesar de ser muitas vezes mascarado como piada e tratado como um comportamento comum entre os jovens, apresenta detalhes que o diferencia de uma simples brincadeira (MARTINS, 2005; RAMOS, 2007), ou simplesmente, de uma forma de violência explícita. Entender essas diferenças, contribuem para uma boa compreensão do que é *bullying*. Ramos (2007) diz que uma ação agressiva se caracteriza como *bullying* quando essa se torna sistemática. Ou seja, que além de significar um ato “regular” ou “contínuo”, também diz respeito a uma ação que segue um sistema.

Uma definição bem detalhada que segue as mesmas ideias de Fante (2007) é a de Lopes Neto (2005) que diz:

Para definição, o *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executado dentro de uma relação desigual de poder. (LOPES NETO, 2005, p. S165)

Adicionalmente, Martins (2005) ainda resume os componentes que definem o *bullying* no seguinte parágrafo:

Alguns aspectos que parecem comuns a todas as definições de *bullying* são: a referência ao abuso de poder que alguém exerce sobre outro alguém; a repetição do comportamento, ou pelo menos a ameaça de que pode voltar a repetir-se; a intenção deliberada de prejudicar ou magoar o outro; e a situação de vulnerabilidade da vítima (ver Olweus, 1995; Smith & Sharp, 1995b; Smith et al., 1999). (MARTINS, 2005, p. 104)

Como comentado antes, uma das características que define o *bullying* é a repetição do comportamento, ou pelo menos a ameaça de que ocorra novamente (MARTINS, 2005, p.104). Conforme a própria Sociedade Brasileira de Pediatria (2017), segundo Brêta e Moraes (2020, p.150), deve se considerar como *bullying* apenas casos repetitivos, diferente de atos isolados, aqueles executados eventualmente. Entretanto, não há uma estimativa concreta de quantas vezes é necessária a ocorrência de uma agressão física ou verbal contra uma mesma pessoa para que seja caracterizada como *bullying*. Antunes (2008), baseada em Smith (2002), que comenta sobre essa divergência de ideias entre pesquisadores,

explica que para eles uma ou duas ocorrências seriam suficiente, provavelmente, para se classificar como *bullying*, enquanto que a Sociedade Brasileira de Pediatria (2017) considera a contagem a partir da terceira ocorrência (BRÊTA; MORAES, 2020, p.150).

Outra característica do *bullying* que também é questionado nos estudos acadêmicos do tema é o fato de que o fenômeno acontece por causa de uma relação de abuso de poder. Isto é, normalmente existe uma hierarquia formada entre as partes, aquele que detém maior poder se torna o intimidador daquele com menos poder. Essa hierarquia pode ser definida de diversas formas, como idade, força, tamanho, gênero, estatura física e desenvolvimento ou apoio emocional e até diferença numérica (LOPES NETO, 2005; OLWEUS, 1993; RIGBY, 1998, apud BANDEIRA; HUTZ, 2012), entre outros motivos. Fante (2005) também ressalta a possibilidade de envolver até mesmo elementos sociais como a raça ou religião. Yoneyama e Naito (2003, apud ANTUNES, 2008), por exemplo, atentam sobre como alunos de escolas japonesas reproduzem os comportamentos agressivos influenciados pelos seus professores autoritários. Além disso, esses alunos provavelmente também poderiam estabelecer o poder hierárquico por causa da proteção de professores que favoreciam uns alunos mais do que outros. A ideia de diferença de poder mostra como o fenômeno do *bullying* não pode se igualar a brigas ou desavenças entre pares de mesmo nível de força e poder (BOULTON, 1993; 1995 apud MARTINS, 2005, p. 104) entretanto também abre questionamentos para alguns pesquisadores que discutem, por exemplo, conforme Antunes (2008), casos em que apelidos são dirigidos alguém de força maior, mesmo que sem seu conhecimento, já que também poderia se encaixar como uma forma de *bullying*.

Em sequência, também é importante compreender quem são os protagonistas do *bullying*, para isso foram utilizadas como base as classificações apresentadas por Fante (2005) e de Lopes Neto (2005). No trabalho de Lopes Neto (2005) ele traz a nomenclatura utilizada pela ABRAPIA, que busca evitar estigmas dos estudantes pela comunidade escolar. Assim, ele define os agressores como “autores de *bullying*”, as vítimas de “alvo de *bullying*”, enquanto que “alvo/autores de *bullying*” se refere às vítimas-agressoras e as testemunhas. A fim de seguir os mesmos passos de Lopes Neto e evitar julgamentos, esta pesquisa também utilizará dessa tipologia. Fante (2005) se refere aos envolvidos no fenômeno da seguinte maneira: “vítima típica” (alvo típico de *bullying*), “vítima-provoadora” (alvo/provoador de *bullying*),

“vítima-agressora” (alvo/autores de *bullying*), o agressor (autores de *bullying*) e o “espectador” (testemunhas)⁸. Esses papéis nem sempre são fixos, podendo haver alternâncias entre eles, vejamos o porquê a seguir:

Alvo de *bullying*: Considerando a existência de outras duas classificações – a serem explicadas abaixo, nesse caso, se refere ao alvo típico do *bullying*: alunos que sofrem das ações negativas por parte dos autores de *bullying*. Fante (2005, p. 71) os chama de “presa fácil” e “aquele que serve de bode expiatório para um grupo”, isso porque geralmente, são indivíduos cuja “algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-lo mais vulnerável às ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo” (LOPES NETO, 2005, p. S167). Literalmente isso quer dizer alunos com um físico mais fraco, baixa autoestima, passivos, retraídos, tímidos, entre outros, “pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo” (MEZZELA, 2008), o que, conforme Crochik (2019), atrelados a baixa popularidade e a tendência ao isolamento os levam a serem escolhidos como alvo. Esses alunos normalmente não apresentam coragem ou facilidade em impor-se, assim como carecem de “recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying*” (LOPES NETO, 2005, p. S167).

Alvo/provocador de *bullying*: apesar da nomenclatura ser baseada na de Lopes Neto e da ABRÁPIA, esse é um conceito trazido apenas por Fante (2005):

Aquela que provoca e atrai reações agressivas as quais não consegue lidar com eficiência. A vítima provocadora possui um ‘gênio ruim’, tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz; pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensiva; é, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causa tensões no ambiente em que se encontra. (FANTE, 2005, p. 72)

Alvos/autores de *bullying*: “Aquele que reproduz os maus-tratos sofridos” (FANTE, 2005, p.72). De acordo com os dados de Lopes Neto (2005, p. S168), “aproximadamente 20% dos alunos autores também sofrem *bullying*”. Esses são alunos que também apresentam característica de um alvo típico de *bullying*, como baixa autoestima, porém que tendem a buscar por indivíduos mais frágeis que eles que possam servir de alvos. Considerando a ideia psicológica que se pode atribuir aos agressores de reproduzir violência a outrem a fim de mascarar suas

⁸ Entre parênteses foram apresentadas as nomenclaturas baseadas no estudo de Lopes Neto (2005) que serão utilizadas para essa pesquisa. Não se trata de outra nomenclatura utilizada pela autora Fante (2005) em seu trabalho.

inseguranças, pode-se perceber sua semelhança também aos agressores. Os alvos/autores de *bullying* “podem ser depressivos, inseguros e inoportunos, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações” (LOPES NETO, 2005 p. S168).

Autores do *bullying*: De maneira simples e direta, Fante (2005, p.73) chama esses alunos de “malvados”, pois são aqueles que vitimizam os mais fracos e possuem pouca simpatia por suas vítimas ou simplesmente não manifestam empatia. De acordo com Crochick (2019, p.1) os autores de *bullying* “têm dificuldades de seguir limites sociais e extravasam sua agressividade quando podem, sem nenhum motivo aparente”. Lopes Neto (2005) representa esses indivíduos como pessoas:

[...] tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. (LOPES NETO, 2005, p. S167)

Lopes Neto também comenta que os autores de *bullying* podem possuir um pequeno grupo de seguidores auxiliares, podendo obter assim dois benefícios: dividir as responsabilidades de seus atos e ter um ganho social ou uma gratificação psicológica, ter alguém com quem vangloriar da sua superioridade real ou imaginária. Entretanto, Lopes Neto (2005, p. S167) também lembra que “assistentes ou seguidores, raramente tomam a iniciativa da agressão, são inseguros ou ansiosos e se subordinam à liderança do autor para se proteger ou pelo prazer de pertencer ao grupo dominante”.

Testemunha: Aqueles que não se envolvem diretamente nos atos do *bullying*, ou seja, não o sofrem ou o praticam, apenas o presenciam, geralmente ignorando os casos e se mantendo silenciosos com medo de serem as próximas vítimas. Isso porque muitas vezes esses alunos não sabem como agir, ainda que se sintam inseguros e incomodados com a situação. Além disso, eles carregam a crença de que as próprias escolas não são capazes de terem atitudes definitivas contra o *bullying* que ocorre.

Grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos, tende a não culpá-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores intervenham mais efetivamente. (LOPES NETO, 2005, p. 5)

A falta de ação tanto das testemunhas quanto dos professores traz dois malefícios para o assunto: (1) o silêncio afirma o poder dos autores e os incentiva a continuar agindo sobre a justificativa que não haverá consequências e (2) as próprias testemunhas também são afetadas negativamente, pois perdem seu direito de estudar em um ambiente seguro e solidário, violando sua capacidade e progresso acadêmico e social (FANTE, 2005). Lopes Neto (2005, p. S168) ainda classifica as testemunhas em “auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão)”.

Agora que se tem uma visão dos personagens que fazem parte do *bullying* é preciso entender as motivações que levam a um autor cometer *bullying* e os critérios de escolha para alvos de *bullying*, reconhecendo assim um padrão dos alvos. Primeiramente, vamos ler o seguinte parágrafo da pesquisa de Freud⁹ (1921):

'O analista mais sutil, o observador mais agudo dificilmente obtém êxito em descobrir mais do que um número muito pequeno dos motivos conscientes que determinam sua conduta. Nossos atos conscientes são o produto de um substrato inconsciente criado na mente, principalmente por influências hereditárias. [...] Esse substrato consiste nas inumeráveis características comuns, transmitidas de geração a geração. [...] Por detrás das causas confessadas de nossos atos jazem indubitavelmente causas secretas que não confessamos, mas por detrás dessas causas secretas existem muitas outras, mais secretas ainda, ignoradas por nós próprios. A maior parte de nossas ações cotidianas são resultados de motivos ocultos que fogem à nossa observação. (Ibid., 30.) (FREUD, 1921, p. 4)

É importante entender que para alguns autores como Crochick (2019, p.4), “o autor do *bullying* não tem um motivo específico para exercê-lo, a não ser as necessidades psicossociais”. Ainda assim, apesar de Antunes (2005) dizer que o autor de *bullying* não tem uma razão consciente para seus atos, ele ainda age intencionalmente, ou seja, com o intuito consciente de ferir física ou psicologicamente seu alvo. Existe uma “intenção deliberada de prejudicar ou magoar o outro” (MARTINS, 2005, p.104) e a vítima, vulnerável, de acordo com Berger (2007, apud BANDEIRA, HUTZ, 2012) na verdade não é provocativa e, geralmente, nem ao menos sabe o porquê de ser agredido criando teorias, muitas vezes baseadas em

⁹ Freud (1856-1939) foi um neurologista e psiquiatra austríaco considerado pai da psicanálise.

suas características físicas a fim de encontrar razões para estar sofrendo *bullying* (CANTINI, 2004, apud BARBOSA, LOURENÇO, PEREIRA, 2011).

Segundo Fante (2005):

[...] o bullying começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais. (FANTE, 2005, p. 62-63)

Assim aumentam-se as probabilidades em se criar reações hostis, de desprezo ou agressivas como diz Ramos (2007), pois “estigmatizar os outros torna mais fácil justificar comportamentos agressivos, opressores e omissos em relação às outras pessoas” (BRÊTA; MORAES, 2020, p. 153). Lopes Neto (2005) complementa que:

[...] a rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência de bullying. No entanto, é provável que os autores escolham e utilizem possíveis diferenças como motivação para as agressões, sem que elas sejam, efetivamente, as causas do assédio. (LOPES NETO, 2005, p. 167)

Além disso, a escolha do alvo pelo agente não se baseia apenas nas diferenças, já que, as vítimas também são escolhidas por provavelmente serem “predispostas ao isolamento e à solidão e carente de redes sociais que possam oferecer apoio, além de apresentar altos níveis de depressão” (BARRIOS, 2014, apud CROCHICK, 2019, p. 2).

A função do *bullying* para os agentes gira em torno de afirmar o poder interpessoal deles por meio da agressão. O objetivo dos agentes é apenas demonstrar poder e conseguir uma afiliação junto a outros colegas ao se tornarem destaque no grupo, isso porque eles buscam reconhecimento através da admiração ou medo dos colegas (CANO-ECHEVERRI E VARGAS-GONZALEZ, 2018, apud CROCHICK, 2019; LOPES NETO, 2005; MARTINS, 2005). Fora isso, segundo Smith e Morita (1999, p. 1, apud MARTINS, 2005, p. 104) os autores podem conseguir ganhos materiais ao extorquir dinheiro ou objetos dos alvos.

Por fim, o comportamento dos personagens do *bullying* também pode estar relacionado com a relação e afeto familiar. Essa relação pode acabar influenciando tanto na formação de agentes quanto de alvos de *bullying*. Ramos (2007) comenta

sobre como, de acordo com a relação familiar, pode se desenvolver a agressividade nas crianças (ou, no caso, nos agentes), assim como também, dependendo, pode atrapalhar as crianças (ou, no caso, os alvos) a enfrentarem desafios por conta própria ou aprenderem a se defender. Pinheiro (2006, apud BARBOSA, LOURENÇO, PEREIRA, 2011), por exemplo, em sua pesquisa sobre a relação do *bullying* com a exposição das crianças à violência doméstica física e psicológica, verificou que crianças expostas a essa situação são mais sucessíveis a se envolverem ao fenômeno do *bullying* escola, especialmente alvo/agressores.

Sobre as diversas formas pelas quais o *bullying* se manifesta, Lopes Neto (2005) as classifica da seguinte maneira:

O *bullying* é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas. (LOPES NETO, 2005, p. 166)

Nesse caso, Martins (2005), com base em outros autores (ver Morita, Soeda, Soeda & Taki, 1999; Olweus, 1995; Smith & Sharp, 1995), separa o *bullying* direto em físico e verbal. Em relação ao físico, Martins (2005) o define como as mesmas agressões citadas por Lopes Neto (2005), e em relação a “expressões e gestos que geram mal-estar aos alvos” pode-se entender como “forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a realizar tarefas servis contra a sua vontade” (MARTINS, 2005, p.208). Além disso, sobre *bullying* direto e físico, Martins também exemplifica o roubo ou dano de pertences de outros, como dinheiro e objetos, ou ameaçar fazê-lo. Sobre o *bullying* direto e verbal, incluem-se insultos, piadas, apelidos desagradáveis além de “fazer reparos racistas e/ou que salientam qualquer defeito ou deficiência dos colegas” (MARTINS, 2005, p.104). No que diz respeito ao *bullying* indireto, Martins dá mais detalhes e diz que:

[...] se refere a situações como excluir alguém sistematicamente do grupo de pares, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo de pares como forma de obter algo do outro ou como retaliação de uma suposta ofensa prévia, espalhar boatos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação, em suma manipular a vida social dos pares. (Martins, 2005, p. 104)

Essas classificações também ajudam a visualizar algumas diferenças de gênero, já que, de acordo com a pesquisa de Brêtas e Moraes (2002, p.153) foi-se observado que os meninos, sendo mais agressivos, praticam geralmente o *bullying* direto, físico ou verbal, enquanto que as meninas promovem o *bullying* indireto. O que também é demonstrado na pesquisa de Lopes Neto (2005). Estudos mostram diferenças entre o tipo de *bullying* realizado por meninos e por meninas. Os meninos, em geral, são mais agressivos, impingindo agressões físicas ou humilhações que podem ser filmadas e disponibilizadas nas redes sociais, transformando-se em *cyberbullying*. As meninas costumam promover exclusão social de seus pares (LOPES NETO, 2005; FREIRE e AIRES, 2012)

Além dessas vertentes, também se comenta sobre o *cyberbullying*, um tipo bastante comum nos dias de hoje que utiliza deliberadamente meios de comunicação, como redes sociais e e-mails, através de mensagens ou comentários online. Dessa forma o agente consegue ser hostil com outra pessoa ou grupo ou pela humilhação pública através de imagens gravadas postadas online, ações repetitivas fácil e rapidamente replicadas (BRÊTAS E MORAES, 2002; LOPES NETO, 2005).

3.1.3. A relação do *bullying* com a violência e a agressividade

Mas afinal, considerando a visão de *bullying* formulada no tópico anterior, pode-se simplesmente classificá-lo como violência ou agressão? De acordo com Olweus (1999) é necessário que se faça uma diferenciação clara entre os conceitos de *bullying*, agressão e violência (MARTINS, 2005, p. 105), especialmente considerando seus conceitos semelhantes. Como visto anteriormente, a definição para "*bullying*" engloba o ato de amedrontar um indivíduo com menos poder que outro.

De acordo com o dicionário *Michaelis* e *Oxford Language*¹⁰, "violência" pode significar a "ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra; ato violento; ato de crueldade". Fante (2005, p.155) diz que um comportamento violento acontece quando "alguém, voluntariamente, usa da força para obrigar uma pessoa ou grupo a agir de forma contrária à sua vontade, ou quando alguém é impedido de

¹⁰ "Oxford Languages" é a base do Google utilizada pela plataforma para definir palavras.

agir de acordo com a sua própria intenção, ou, ainda, quando é privado de um bem”. Entretanto, ainda de acordo com Fante (2005), os parâmetros da violência vão depender do sistema de valores adotado por uma sociedade, o que envolve o contexto social, econômico ou cultural. Já “agressão” é entendida como “ataque à integridade física ou moral de alguém” ou “ato de hostilidade, de provocação”¹¹, psicologicamente, se refere “a forma de desequilíbrio psíquico que se traduz por uma hostilidade permanente diante de outrem” (FANTE, 2005, p. 156). Entretanto, a gama de contexto da agressividade supera a violência, já que como Fante (2005) diz, situações de levantar a voz em uma reunião ou a determinação de um esportista em uma competição também podem ser formas de agressão.

Entre os três atos, “*bullying*” e “agressão” são as que apresentam definições mais semelhantes e realmente o *bullying* é visto como um fenômeno de agressão entre pares em contexto escolar (MARTINS, 2005, p.103). Entretanto, na verdade, o *bullying* se trata de uma subcategoria do comportamento agressivo (Smith & Morita, 1999 apud MARTINS, 2005, p.103). O que acontece é que apesar da semelhança, o *bullying* não se define como uma simples agressão por causa de suas particularidades: seu comportamento repetitivo e sua natureza de assimetria de poder, o que geralmente causa a incapacidade do alvo (vítima) de se defender por conta própria eficazmente. Pois, como discutido anteriormente, a diferença de poder entre o alvo e o agente (agressor) do *bullying* muitas vezes inclui superioridade física e/ou influência social.

Quanto a “violência”, Olweus (1999) considera que sempre em um ato violento o agressor utiliza de seu corpo ou um objeto (arma) por se tratar de um ato de força ou poder físico para infligir dano a outro (MARTINS, 2005, p.105). O *bullying*, apesar de apresentar uma manifestação que usa de força física, não se limita a isso, já que é um fenômeno que pode (*bullying* direto e físico) ou não ser violento (*bullying* direto verbal e *bullying* indireto), “porém são sempre uma manifestação de conduta agressiva entre pares” (MARTINS, 2005, p.105). De acordo com Ramos (2007, p. 2), violência explícita, além de agressões físicas, também envolve atos de vandalismo, o que não engloba o *bullying*. Ainda de acordo com o autor, já que *bullying* não é visto completamente como violência, justifica a

¹¹ Definição retirada do Google que usa como referência o “*Oxford Languages*”.

razão dele ser mais tolerado nas escolas e muitas vezes ser visto como algo “normal” no relacionamento entre crianças e adolescentes.

Observe então que o “*bullying*” e a “violência” podem ser atos hostis físicos e causar ataque à integridade física de alguém, porém o “*bullying*” também engloba agressões verbais e indiretas como provocação, isolamento, xingamentos, etc. Por isso, utilizando do gráfico abaixo para ajuda visual, conclui-se que tanto a violência quanto o *bullying* seriam manifestações distintas de conduta agressiva que se poderiam sobrepor em certas situações através do *bullying* direto físico” (MARTINS, 2005, p. 106). Nas palavras de Batista (2011, apud CROCHICK, 2019, p. 2), “nem toda agressão é *bullying*, mas o *bullying* é sempre uma agressão, com características próprias que o difere de outras violências ainda que intrinsecamente relacionado aos preconceitos, discriminações, entre outros”.

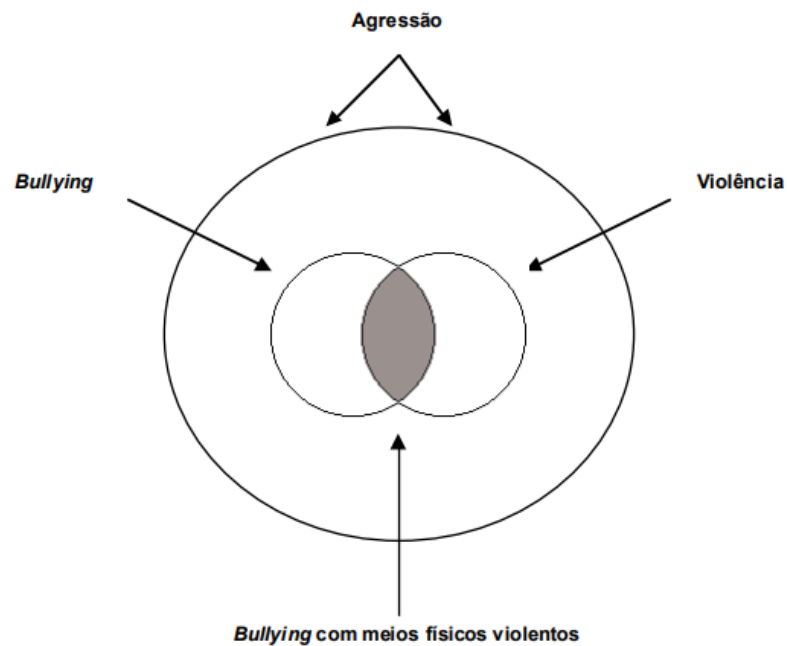


Figura 1 - Diagrama de Venn mostrando as relações entre os conceitos de agressão, violência e bullying (extraído de Olweus, 1999a, p.13 apud MARTINS, 2005, p. 106)

3.2 *Bullying* e Preconceito

Como foi visto o *bullying* se enquadra dentro da agressão, porém não se define simplesmente como violências, carregando suas características típicas e possuindo um fator determinante. Entretanto, quando se compara o fenômeno com preconceito alguns autores concordam que ambos possuem uma relação. Por

exemplo, de acordo os pesquisadores Antunes e Zuin (2008) e Chaves e Souza (2018) o preconceito é a base do *bullying*. Realmente, os fenômenos são similares em alguns quesitos, apesar de tecnicamente não serem a mesma coisa.

Algumas “ações que são caracterizadas como próprias ao *bullying* podem ser dirigidas também a alvos do preconceito, mas determinadas formas de preconceito não seriam consideradas como *bullying*” (CHOCHICK, 2019, p. 3). Isso quer dizer que apesar de práticas preconceituosas poderem estar associadas ao *bullying*, contribuindo para a noção de sua similaridade, essa afirmação é refutada por Chochick (2019) baseado em dois pontos cruciais:

(1) determinados tipos de preconceito nomeados de “sutis”, por não terem a mesma visibilidade dos preconceitos flagrantes, conforme Meertens e Pettigrew (1999), podem não ser considerados como *bullying*; (2) o tipo de preconceito que aparenta o seu contrário (afeição exagerada a membros de grupos discriminados) também não seria caracterizado como *bullying*. (CHOCHICK, 2019)

Antunes e Zuin (2008) possuem uma opinião própria sobre o assunto, assim como Crochick (2019) também apresenta em sua pesquisa os seguintes argumentos sobre o assunto baseados nas pesquisas de Batista (2011) e outro trabalho do próprio autor Crochik (2015):

[...] o conceito de *bullying* se aproxima do conceito de preconceito “principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados agressores”. (ANTUNES E ZUIN, 2008, p. 36)

[...] “nem toda agressão é *bullying*, mas o *bullying* é sempre uma agressão, com características próprias que o difere de outras violências, ainda que intrinsecamente relacionado aos preconceitos, discriminações, entre outros” (BATISTA, 2011, apud CROCHICK, 2019, p. 2)

[...] ambos os fenômenos podem ser repetidamente voltados aos mesmos alvos, durante um longo período, e nessas duas formas de violência pode-se caracterizar a ação de grupos ou de indivíduos mais fortes ou mais espertos para a dominação de outras pessoas. (CROCHIK, 2015, apud CROCHICK, 2019, p. 3)

O *bullying* e o preconceito, como Antunes e Zuin (2008) sugerem, realmente possuem um agressor com razões psíquicas para suas atitudes, que, como foi visto, se refere ao comportamento narcisista e controlador do(a) autor(a). Isso porque, o preconceito se baseia na necessidade irracional do indivíduo em elevar e idealizar

suas próprias qualidades, ou a do seu grupo, ao inferiorizar outrem. Assim como o ato de *bullying* possui prazer em controlar seu alvo, além de se sentir exaltado pelas suas ações, ou por ridicularizar uma pessoa, ou ter suas ações reconhecidas por uma plateia. Outra semelhança apresentada são as “vítimas” escolhidas como alvo por possuírem características específicas e/ou fatores sociais. Por fim, conforme Crochik (2015), existe também a condição de repetitividade em longo termo de ambos os fenômenos.

Entretanto, deve-se atentar que apesar dessas semelhanças entre ambos serem fenômenos agressivos, Crochick (2019) se atenta a algumas contraposições. As vítimas do *bullying* podem fazer parte de grupos minoritários e serem escolhidas por pertencerem a essas minorias sociais, como é no preconceito. Entretanto, os maiores motivadores para o *bullying* são baseados, na verdade, em características pessoais e comportamentos ou personalidade. Silva (*et al.*, 2018) e Souza (2013), de acordo com Crochick (2019, p. 2), ressaltam as seguintes características típicas do alvo de *bullying* “passividade, baixa autoestima, depressão, poucos amigos”, por pessoas assim definidas, em tese, oferecerem menos resistência para os maus-tratos. Logo, apesar da pequena semelhança, o *bullying* não se restringe às justificativas do preconceito:

[...] o estudo conduzido por Souza (2013) indica que alunos que são alvos do *bullying* pensam que a agressão ocorre principalmente por características fenotípicas (66,6%), e em menor frequência por motivos atribuídos ao racismo (10,1%), à homofobia (9,3%) e à religião (6,2%); (CROCHICK, 2019, p. 2)

Assim sendo, como argumenta Crochik (2015, apud CROCHICK, 2019), enquanto o preconceito tem alvos delimitados, por seu grupo social, o *bullying*, precisa de um alvo que não apresenta razões racionais para sofrer do fenômeno. Dessa maneira também fica fácil entender os “objetivos” de ambos, já que como Crochick (2019) explica:

“a dominação expressa no preconceito precisa de seu alvo para a continuidade da projeção de seus desejos, medos, expectativas; a dominação própria ao *bullying* visa destruir o alvo, que rapidamente pode ser substituído por outro”. (CROCHICK, 2019, p. 3)

Logo, apesar das semelhanças e a relação que compartilham, o *bullying* e o preconceito são fenômenos distintos e essa afirmação é reforçada em razão de que

mesmo alvos de *bullying*, o indivíduo frágil, pode ser preconceituoso (CROCHICK, 2019).

Por causa da similaridade entre os fenômenos, passaram a haver questionamentos e críticas sobre como “*bullying*” seria, na verdade, um termo novo para nomear um fenômeno já antigo: o preconceito. De acordo com Antunes e Zuin (2008), essa seria uma manobra para substituir a discussão sobre o preconceito, afinal, como questionam Chaves e Souza (2018, p. 13) sobre como talvez “traços hoje associados ao *bullying* não podem ser evidências ou demonstrações de um fenômeno mais antigo e que apenas (re)surgiu com nomenclatura diferente”. Alguns outros problemas como o prejuízo à possibilidade de interlocução entre os estudos realizado sobre outras formas de agressões que acabam sendo igualadas ao *bullying* e a própria “a banalização do termo *bullying*” também podem surgir, conforme Barbosa, Lourenço e Pereira (2011, p. 16).

3.3 As consequências do *bullying*, um problema de saúde pública

As consequências da conduta *bullying* afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. (FANTE, 2005, p.78-79)

As consequências do *bullying* tem influência em todos os participantes do fenômeno: vítimas, agressores e testemunhas. Não há uma uniformidade das dificuldades, os efeitos variam de pessoa para pessoa, e sua extensão se relaciona diretamente com a frequência, duração e severidade dos atos do *bullying* (LOPES NETO, 2005, p. S168). De acordo com Lopes Neto (2005), Bandeira e Hutz (2012) os prejuízos podem ser pessoais, emocionais, psicológicos, institucionais, acadêmicos, sociais e legais. Em se tratando de prejuízos pessoais e sociais, observa-se os diferentes efeitos em cada personagem desse fenômeno.

De acordo com Fante (2005), o *bullying* pode causar prejuízos à saúde físico-emocional do alvo do *bullying* que não se limitam apenas à época escolar, mas durante toda a vida, causando consequências no desenvolvimento social e emocional no indivíduo. Traumas cuja superação apesar de ser possível, também dificilmente poderão se resolver. Alguns dos traumas adquiridos pelos alvos que são citados por Fante (2005), incluem: dificuldade de se relacionar e baixa autoestima,

em alguns casos existe a possibilidade de desenvolver comportamentos agressivos como sentimento de vingança ou torná-los suscetíveis a praticar *bullying* como agente em outras fases da vida, como no trabalho. Não são poucos os exemplos retratados pela mídia ou exemplificados na literatura de alvos de *bullying* que se tornaram violentos, como por exemplo, entrando armados nas escolas e atirando contra colegas (BRÊTAS; MORAES, 2020). Psicologicamente, pode se gerar depressão e incentivo ao suicídio. Além do mais, caso seja recorrente na infância, pode desenvolver uma condição caracterizada como irreversível para o desenvolvimento infantil conhecida como Transtorno de Personalidade Limítrofe¹².

Fante (2005, p. 80) ainda diz que:

Dependendo da intensidade do sofrimento vivido em consequência de *bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intrapsíquicas, com sintomatologias de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaleia, dor epigástrica, bloqueio de pensamentos e de raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem como reações extrapsíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas. (FANTE, 2005, p. 80)

Vale lembrar que o *bullying* também causa prejuízos pessoais, sociais e profissionais para seus agentes (agressores). Seus atos, muitas vezes são impunes, consolidam sua conduta autoritária e tal comportamento violento pode ser levado para outras relações, familiares ou profissionais, ao longo de sua vida. O agente pode supervalorizar a violência como forma de obtenção de poder e seus atos podem o influenciar comportamentos delinquentes ou até uma possível vida de delitos, como o professor Olweus diz que o *bullying* tem grande relação com a criminalidade. Já as testemunhas, conforme Fante (2005), apresentam prejuízos no seu desenvolvimento sócio educacional, já que com esses comportamentos eles perdem um ambiente seguro, saudável e solidário de aprendizagem, ao qual as escolas deviam fornecer.

Em palavras simples e bem resumidas:

¹² ¹² “O transtorno de personalidade limítrofe é caracterizado por um padrão generalizado de instabilidade em relacionamentos, autoimagem, humor e comportamento, bem como hipersensibilidade à possibilidade de rejeição e abandono” (Mark Zimmerman, MD, Rhode Island Hospital). Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-pt/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/transtornos-de-personalidade/transtorno-de-personalidade-lim%C3%ADtrofe-tpl>>

Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros. O simples testemunho de atos de *bullying* já é suficiente para causar descontentamento com a escola e comprometimento do desenvolvimento acadêmico e social. (LOPES NETO, 2005, S168)

O *bullying* pode causar grandes dificuldades de aprendizado e queda no rendimento escolar dos alunos, ou, no caso, daqueles que fazem parte do ato do fenômeno. Casos como perda de interesse ou desestímulo pela aula causados por medo de serem amedrontados ou ridicularizados são comuns. Em alguns casos pode haver mudanças de turma ou escola, para evitar a convivência com os *bullies*. Ainda pode haver desistência de alunos que não apenas mudam de escola, mas desistem completamente por não suportarem mais as agressões, físicas ou psicológicas, e gozações às quais são submetidos (RAMOS, 2007).

Usando como exemplo o aprendizado da língua estrangeira, citando Stephen Krashen (1987)¹³ Ramos (2007, p.12) comenta sobre a importância de um ambiente seguro em que os alunos se sintam à vontade para comunicar-se. “Quanto maior a afinidade, mais completa será a assimilação”, pois “indivíduos com atitudes positivas em relação à língua estrangeira aprenderão com mais facilidade, pois estes tendem a buscar mais ‘input’”. Logo, essa assimilação se torna comprometida quando os alunos aprendem em um local de tensão, com medo de serem ridicularizados ou amedrontados. Obviamente, o medo de serem ridicularizados pode ser presente em qualquer aula e são agravados caso o aluno precise falar ao fazer perguntas, por exemplo, ou, como foi dito, em aulas de língua estrangeira nas quais a expressão oral se faz necessária e é incentivada (RAMOS, 2007).

A escola é um espaço importante para o desenvolvimento de crianças e adolescentes; é o local em que eles passam por diversas experiências e aprendizados que vão além das acadêmicas. É na escola que os jovens despertam interesses, se identificam formando grupos e relacionamentos. Além disso, é competência da escola fornecer uma boa educação em um ambiente propício e seguro. A escola, sendo um espelho dos comportamentos e valores da sociedade, é

¹³ Autor norte-americano de “Principals and Practice in Second Learning Acquisition. Prentice- Hall International” (1987), que atenta para a importância da motivação, da autoconfiança e do controle dos níveis de ansiedade na aprendizagem de uma segunda língua. (RAMOS, 2007)

o ambiente no qual “o indivíduo adquire consciência da sociedade da qual participa, percebendo os condicionamentos sociais a que está sujeito e as diferenças sociais existentes” (BRÊTAS E MORAES, 2020, p. 148). Então, apesar dos valores, violência e tensões reproduzidos nas escolas pelos jovens ter origem exterior, como a família, o ambiente escolar não deixa de ser crucial para que esses jovens obtenham valores culturais e humanistas benéficos para viverem em sociedade. Logo, o papel das escolas e dos professores tem grande importância para a erradicação do *bullying*, que já chega a ser caso de saúde pública, e conseqüentemente no combate contra seus prejuízos a fim de não apenas formar bons cidadãos para a sociedade, mas garantir a sua educação de qualidade.

CAPÍTULO IV

4 METODOLOGIA

Neste capítulo serão explicados os métodos escolhidos para a condução desta pesquisa, assim como uma explanação dos caminhos tomados na execução da coleta de dados. Para tanto será apresentada a natureza do Estudo de Caso atrelado ao método qualitativo, ambas escolhas norteadoras para a produção deste trabalho. Neste capítulo também estão presentes o contexto da pesquisa e as informações quanto aos instrumentos aplicados no processo da coleta de dados, assim como o perfil dos entrevistados que colaboraram para esta monografia.

4.1 Cunho qualitativo

Gil (2009) diz que a maioria dos estudos de caso segue uma natureza qualitativa, essa pesquisa não fugiu muito à regra. Assim como explica Lüdke e André (1986), seguindo os parâmetros que uma pesquisa qualitativa, a coleta de dados dessa monografia se baseia no interesse em estudar um problema possível de ser visto em situações cotidianas e, principalmente, na importância atribuída a dados realísticos:

Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12)

Considerando que o *bullying* se faz cotidiano nas escolas e possivelmente na vida de estudantes *nikkeis* é necessário entender a perspectiva dos participantes de “uma realidade complexa e contextualizada” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 18). Além de, se possível, ter confirmação sobre a ocorrência ou não deste fenômeno e ser capaz de criar um levantamento da visão e da experiência dos participantes sobre o assunto.

A retratação da coleta de dados busca se atentar aos detalhes das informações compartilhadas pelos colaboradores de forma ricamente descritiva.

Apesar de Lüdke e André (1986) dizerem que a pesquisa qualitativa é caracterizada pela pesquisa de campo, onde se observa o problema em seu ambiente natural, este trabalho não pôde ser concretizado de tal maneira pelas dificuldades de tempo e condições. Entretanto, utilizando do cunho qualitativo, será possível uma boa interpretação de cada caso analisado nesta pesquisa, quer queira por meio de questionário ou entrevista.

4.2 Metodologia: Estudo de Caso

Uma das definições mais antigas para o Estudo de Caso feita pelo *Merriam Webster's online dictionary* (2008, apud GIL, 2009, p. 6) diz que Estudo de Caso é “uma análise intensiva de uma unidade individual enfatizando fatores de desenvolvimento em relação ao ambiente”. Por sua vez, o pesquisador Robert L. Yin apresenta a seguinte definição:

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (Yin, 2005, p. 32, apud Gil, 2009, p. 7)

Apesar da possibilidade do *bullying* ser uma prática antiga, não se pode negar que a atenção para o problema é recente. Além disso, as ocorrências do *bullying* dependem de contextos que diferenciam o fenômeno singelamente de casos de violência apesar de se enquadrar como agressão (vide a Fundamentação Teórica). Como esta pesquisa busca o foco no contexto escolar e no preconceito contra *nikkeis*, foi escolhido o Estudo de Caso como natureza de pesquisa. Stake (1994) enfatiza mais esse conceito ao declarar que o nome “Estudo de Caso” chama atenção para questões que possam ser estudadas especialmente através de casos únicos. Em paralelo, Lüdke e André (1986) também deixam claro que:

O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. Segundo Goode e Hatt (1968), o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12)

De acordo com Stake (1994), o Estudo de Caso se concentra no estudo através da experiência prévia, o que é o caso do perfil dos colaboradores esperado para a coleta de dados. Ademais, como é uma natureza de pesquisa que se atenta à influência social do objeto de estudo, se enquadra nas preocupações sociais geradas ao se questionar sobre as influências do *bullying* sobre uma unidade individual.

4.3 Contexto da pesquisa

Foram aplicados dois questionários realizados pela ferramenta *Google Forms*¹⁴. O primeiro questionário foi dividido em quatro sessões: (1) Informações pessoais e de contato, (2) período escolar no Brasil, (3) período escolar no Japão e (4) experiências com o *Bullying*. Esse questionário foi lançado no dia 31 de julho de 2022, domingo, por volta de meia-noite, e foi encerrado na terça-feira, 09 de agosto de 2022 às 23h59. Ao todo 9 colaboradores participaram da coleta. Entretanto, as perguntas e as respostas utilizadas nesse questionário inicial não foram suficientes para suprir as necessidades deste trabalho. As perguntas foram superficiais já que de início a intenção era usar o questionário como filtro e selecionar os sujeitos de pesquisa para a entrevista na qual seriam feitas perguntas mais elaboradas com o objetivo de se obter respostas mais profundas. Infelizmente, por diferentes motivos, não foi possível realizar a entrevista. Para resolver o problema, outro questionário mais detalhado foi aplicado para novos e diferentes colaboradores do dia 22 de agosto até 1º de setembro. O segundo questionário foi dividido em cinco seções: (1) Introdução, (2) Educação - Brasil, (3) Educação - Japão, (4) *Bullying* e Preconceito e (5) Considerações Finais. Ao todo, 5 pessoas participaram da enquete.

Entre todos os 14 colaboradores, dois aceitaram também participar de uma entrevista, a qual foi pensada para ser realizada de forma informal apesar de seguir uma linha de raciocínio através de um roteiro de perguntas para que não se fugisse do tema. Entre os 9 primeiros colaboradores do primeiro questionário, uma participante aceitou fazer a entrevista, assim como apenas um participante entre os

¹⁴ Aplicativo do Google que gerencia pesquisas, podendo ser usado para coleta de informações muito utilizado para questionários e/ou formulários.

5 colaboradores do segundo questionário também aceitou o convite. Duas entrevistas separadas foram então realizadas mediante a plataforma *Zoom*, nos dias 20 de agosto de 2022 e 9 de setembro de 2022, com duração aproximada de 2 horas cada. As entrevistas foram gravadas para eventual análise.

4.4 Perfil dos colaboradores

Primeiro questionário: Foram 9 participantes, ao todo, sendo que eles se encontravam na faixa dos 20 aos 25 anos de idade. Seis eram *sansei* (netos de japoneses nativos, *issei*) e três *yonse* (bisnetos de *issei*). Por fim, dos entrevistados, três estão morando atualmente no Japão, enquanto os outros seis vivem no Brasil e se dividem entre os estados do Rio de Janeiro, Goiás e no Distrito Federal.

Segundo questionário: Ao todo, 5 pessoas participaram. Os colaboradores têm entre 17 e 29 anos de idade, sendo que todos eram *sansei* (netos de japoneses nativos, *issei*). Quatro deles moram atualmente no Brasil, enquanto um reside no Japão.

Para manter a identidade dos colaboradores velada, foi pedido para que os participantes escolhessem pseudônimos a serem usados nessa pesquisa. Em ordem alfabética, estes são os pseudônimos dos colaboradores desta pesquisa, usados especialmente para diferenciar seus relatos durante a análise de dados: Ana, Caroline, Chitta, Emi, Emily, Juh, Kemi, Miyuki, Narutim, Natally, Sâmia, Seiko, Tarou e Xuxa.

4.5 Instrumentos aplicados

Para a realização da coleta de dados foram escolhidos dois instrumentos diferentes: dois questionários e uma entrevista. Os questionários foram realizados de forma remota – através do *Google Forms* - com o objetivo de se conseguir um panorama básico sobre a situação do fenômeno *bullying* em relação aos colaboradores. Em sua maioria, foram elaboradas perguntas de múltipla escolha e respostas discursivas curtas. Para a entrevista, que não foi realizada com todos os colaboradores do questionário, optou-se por se reunir pela plataforma *Zoom*, um serviço de conferência remota.

4.6 Considerações éticas

Tanto a realização do questionário remoto quanto da entrevista teve o intuito de preservar a identidade dos colaboradores e se baseando em normas éticas. Para a apresentação dos casos na pesquisa, foi pedido que os entrevistados escolhessem um pseudônimo. Durante a entrevista reforçou-se os objetivos da pesquisa, da entrevista e da sua gravação, sempre deixando claro o intuito unicamente acadêmico do encontro e a não divulgação das gravações, usadas apenas para análise.

CAPÍTULO V

5 ANÁLISE DE DADOS

5.1 Contextualização da análise de pesquisa

Apesar de terem sido feitos dois questionários separados, é possível fazer uma visão geral das perguntas que foram iguais para os 14 colaboradores.

De acordo com as respostas, todos os participantes moraram no Brasil e estudaram em escolas brasileiras, enquanto que 7 participantes já moraram no Japão e estudaram em escolas japonesas. Dessas pessoas, duas disseram ter sofrido *bullying* no Japão, sete no Brasil e apenas uma pessoa relatou ter experiências com *bullying* em ambos países. Dos 14 colaboradores, 4 disseram nunca terem sentido *bullying*. Entre as 10 que sofreram *bullying* uma pessoa acredita que o *bullying* não tenha ocorrido por causa de sua descendência japonesa ou etnia brasileira, mas sim por outros motivos. Uma pessoa respondeu “mais ou menos” para a mesma questão. Como as pessoas que não sofreram *bullying* ou sofreram, porém por razões diferentes de etnia, apenas 9 colaboradores serviram como objeto de pesquisa.

Antes de perguntar sobre as experiências dos participantes, foi perguntado para eles o que eles entendiam como “*bullying*”. A razão para essa pergunta foi condicioná-los a pensar primeiro sobre esse conceito para que eles pudessem compartilhar melhor o contexto de suas experiências. Em suma, a maioria dos colaboradores concorda que o *bullying* são ações agressivas, físicas ou psicológicas, repetitivas, direcionadas a uma pessoa ou grupo, além de uma forma de abuso com intenção de humilhar, menosprezar, excluir ou denegrir uma pessoa. Além disso, houve comentários que relacionam as motivações do *bullying* ao que o agente possivelmente vive em casa, uma projeção de suas inseguranças e “a falsa sensação de poder momentâneo adquirido através do ataque aos outros”, fazendo alusão à hierárquica construída na relação do *bullying*. Assim, nota-se que os colaboradores apresentavam uma boa definição e contexto do fenômeno suficiente para responderem as perguntas.

5.2 Análise de depoimentos

Abaixo encontra-se a transcrição dos depoimentos dos colaboradores que disseram terem sofrido *bullying* por causa de sua descendência japonesa ou etnia brasileira. Os depoimentos foram modificados durante a transcrição de acordo com as normas ortográficas.

Excerto 1: Juh

“Na escola os colegas me zoavam por não ser boa em exatas e que eu deveria ser (boa em exatas) por ser asiática. Mandavam eu voltar para o meu país, mandavam eu abrir os olhos para enxergar, etc.”

Juh faz parte da terceira geração de *nikkeis*, *sansei*. De acordo com o depoimento de Juh, ela apenas morou e estudou no Brasil, em escolas brasileiras nas quais ela diz ter sido alvo de *bullying*. Como pode se notar pelo seu depoimento, ela sofria de *bullying* direto verbal mascarado como uma simples brincadeira, “zoeira” apesar de como foi visto durante a Fundamentação Teórica, não ser o caso. Não é difícil reparar o preconceito presente nas agressões ao ter seus traços físicos projetados de forma negativa: “abrir os olhos para enxergar”. Há também o estereótipo presente na ideia de asiáticos serem bons em ciências exatas, criando uma identidade baseada em uma generalização infundada na qual Juh não se encaixa e por isso é agredida. Por fim, nota-se também a xenofobia atrelada ao *bullying*: a rejeição ao ser mandada voltar para o seu país. Uma afirmação irracional considerando que Juh nasceu no Brasil.

Excerto 2: Natally

“Na semana do meu grupo, que era para fazer a distribuição do almoço, eu sempre carregava com uma menina, mas ela me mandava carregar sozinha um cesto de metal com umas 45 bandejas ou um cesto com mais de 100 pratos variava cada vez que mudava de grupo. Isso eu tinha uns 9 anos de idade e durou quase meio ano. Até ela ver que eu não estava sendo afetada por sempre ver o lado bom. Que no caso eu pensava positivo como, ‘estou ficando forte!’”

Natally, uma *Nikkei* da quarta geração (*yonseï*), morou no Japão e no Brasil. Ela estudou no Brasil durante o Ensino Médio, já no Japão, onde diz ter sofrido *bullying* na escola, ela estudou durante o ensino básico e o ensino fundamental. Natally foi uma das colaboradoras que disse acreditar ter sofrido *bullying* por causa da sua etnia brasileira – não contamos, nesse caso, sua descendência japonesa por

considerarmos a participante ter dito que sofreu *bullying* na escola japonesa. A partir do depoimento, infere-se que a autora do *bullying* talvez acreditasse que por Natally ter descendência brasileira fosse mais forte. O que se define como um estereótipo possivelmente vindo de uma generalização, baseada na forma como a autora vê Natally. Outra hipótese seria por Natally apenas ser diferente, por causa de sua etnia, ela fosse “merecedora” de *bullying*. Como foi comentado durante a Fundamentação Teórica, é difícil dizer com certeza já que apesar de o *bullying* ser relacionado a falta de aceitação das diferenças do outro, na maioria das vezes é difícil realmente compreender o porquê de uma pessoa ser alvo de *bullying*. Por fim, pode-se notar a típica atitude de autores de *bullying* discutida nesta pesquisa: uma vontade de impor dominância e poder sobre outrem. Possivelmente, apesar da resposta positiva da colaboradora para o *bullying*, essa situação se encaixa no *bullying* direto e físico por considerar que a autora possivelmente força a tarefa para a colega independente da vontade de Natally.

Excerto 3: Tarou

“Os meninos faziam gestos puxando o olho, para tirar o sarro de mim. Além de me chamar de ‘pastel de flango’.”

Tarou é *sansei*. O colaborador também frequentou escolas de ambos os países, porém, relata que sofreu *bullying* apenas no Brasil onde estudou do ensino fundamental ao ensino médio. Assim como no caso de Juh, os autores de *bullying* realizam *bullying* direto e verbal baseado nos traços físicos do colaborador, os quais são ressaltados negativamente de forma preconceituosa.

No caso de Tarou, também se percebe o estereótipo de cunho preconceituoso do “pastel de flango” generalizando diversas e diferentes etnias asiáticas. Essa expressão de chacota foi originalmente usada contra chineses e passou a ser usada como zombaria para asiáticos em geral¹⁵. Tarou acaba sendo estereotipado e visto apenas como asiático, em um único grupo, tendo sua descendência japonesa apagada, através de impressões preconcebidas, através do *bullying*.

¹⁵ Definição do site “Dicionário Informal” disponível em: <[https://www.dicionarioinformal.com.br/pastel+de+flango/#:-:text=Frases%20de%20chacota%20urbana%20utilizada,geral%20\(%20principalmente%20para%20chineses\).](https://www.dicionarioinformal.com.br/pastel+de+flango/#:-:text=Frases%20de%20chacota%20urbana%20utilizada,geral%20(%20principalmente%20para%20chineses).>)>

Excerto 4: Sâmia

“Na realidade foi mais xenofobia de algumas poucas pessoas da escola, do que *bullying* em si.”

Sâmia, *sansei*, diz ter sofrido *bullying* apenas no Japão, apesar de também ter estudado no Brasil. Essa participante parece diferenciar o *bullying* da xenofobia, separando suas definições e, por tanto, suas experiências. Infelizmente, Sâmia fez parte dos colaboradores do primeiro questionário e por causa da complicação previamente citada e não ter sido possível a realização de uma entrevista, não se pode analisar com detalhes seu caso.

Excerto 5: Caroline

“Acredito que tenha sofrido *bullying*, mas pela forma que eu me relacionava com as pessoas, ou não me relacionava, e não necessariamente por conta das minhas origens, o que não descarta o fato de eu já ter sofrido preconceito na escola por conta da ascendência”.

“Acho que todo ascendente asiático já ouviu um ‘abre o olho’, ‘tinha que ser japa’ (quando não vê algo). Já ouvi de um menino que eu não tinha interesse que ele não ficaria com ‘japa’ por ficarem ‘feias’ envelhecidas. Já me perguntaram se eu enxergo normal (risos)? E entre outros que prefiro não dizer. ”

“Hoje em dia tenho um amplo conhecimento acerca disso, entendo como o racismo amarelo se dá, e sempre se deu, e me sinto bem com quem eu sou e como sou, não há problemas a respeito disso. Com certeza me influenciou, por muito tempo eu não quis ter olhos puxados, achava feio, me achava diferente de um jeito “feio”, tive por muito tempo “repulsa” quanto a minha origem, justamente pela forma que a sociedade me colocava e eu não queria me identificar como, mas atualmente estou em paz”

Caroline é *sansei* e estudou durante todos os períodos escolares no Brasil onde relata ter sofrido *bullying*. Entretanto, a participante acredita que o maior motivador para o *bullying* do qual foi alvo não foi necessariamente por conta de suas origens. Assim, ela também separa o *bullying* do preconceito, parecendo relacionar as agressões por conta de outras motivações ao primeiro fenômeno e as agressões em relação às suas origens ao segundo. Como Juh e Tarou, os exemplos de Caroline são relacionados a características físicas, em especial, o formato dos olhos. Além disso, Caroline comenta um novo exemplo de estereótipo baseado na aparência da menina asiática, considerada “inferior” pelo menino, muito provavelmente em comparação a algum outro grupo. Uma das consequências do *bullying* que podemos observar em sua vida está ligada ao impacto na sua autoestima, apesar de que hoje em dia, felizmente, Caroline parece estar recuperada e ter superado alguns dos traumas deixados.

Excerto 6: Seiko

“Tive muita dificuldade em me enturmar com meninos por haver muita violência física e xingamentos, mas de forma amena. No intervalo tinha a coisa de bater no lanche do outro, ou botar o pé para tropeçar, ou surpreender o outro com socos. Como eu era o esquisito, era alvo, mas vejo hoje que também reproduzia onde era possível para não estar no final da fila do jogo de domínio. Não ser o saco de pancada oficial. Acho que não tive medo em relação à minha vida, mas comecei a ter raiva e tristeza nessa fase. Acho que só na faculdade e hoje entendo um pouco mais sobre as pautas raciais serem sim uma questão para nós saí desta lógica.”

Como você se sentiu durante essas situações? “(Eu) Reagia com raiva por sofrer injustiças.”

Seiko foi um dos colaboradores que teve a oportunidade de contribuir com uma entrevista, por isso relatos dele durante a entrevista foram utilizados abaixo para complementar seu depoimento escrito.

Seiko, *sansei*, também teve toda a educação, do maternal ao Ensino Médio, no Brasil. Esse participante revela ter sofrido *bullying* não apenas por causa de suas origens, mas também por outros motivos como por ser, em suas palavras, “afeminado, gordo”. Além disso, durante a entrevista, Seiko também comenta que ele era visto como “o cara de fora”, por ter vindo de outra cidade, além de fazer parte do grupo “nerdolas losers”, um grupo visto como *outcast*, “exilado” em português. Aqui podemos realmente perceber diferentes razões pelas quais ele possa ter sofrido *bullying*, o que, vide Fundamentação Teórica, comprova a dificuldade em estabelecer com certeza um único e o verdadeiro motivo para que Seiko tenha sofrido *bullying*. Ou até, demonstra que nem sempre a etnia de uma pessoa é determinante para que ela sofra *bullying*, desconectando uma relação limitada ao preconceito, neste caso.

Quanto ao impacto emocional, a raiva a qual ele diz o *bullying* ter influenciado, durante a entrevista Seiko complementou:

“Quando você se sente ameaçado você entra em um comportamento, ou fuga, ou ataque. A raiva é um veículo de você se sentir insuficiente.”

Fica evidente nesse caso como o fenômeno pode contribuir para o desenvolvimento de um certo grau de agressividade, porém a maneira como o colaborador se refere a “insuficiência” também nos remete ao prejuízo à autoestima dos alvos de *bullying*.

Depoimento 7 (Emi) – Emi também estudou apenas no Brasil e relata ter sofrido *bullying* por volta dos 15 anos, ela diz ter sido “alvo de ‘brincadeiras’ envolvendo meu fenótipo; (*bullying*) verbal. Comentários ofensivos”. Emi não deu muitos detalhes no seu depoimento e infelizmente não foi possível realizar uma entrevista para analisarmos mais a fundo suas experiências. Ainda assim, existe a correlação do *bullying* com sua aparência e traços físicos asiáticos. Em se tratando das consequências para Emi, durante o período que experienciou *bullying*, ela diz que se sentia “envergonhada, constrangida, vulnerável”. Essas são consequências emocionais, que, de acordo com Emi, hoje em dia se transformaram em raiva pela situação.

Excerto 8: Miyuki

“Foi (*bullying*) psicológico, como fazer piadas com meus traços, meu sotaque, ignorar meu nome e chamar por apelido mesmo sem ter intimidade comigo (japa, *xingling*), basear minha personalidade em estereótipos sem me conhecer.”

Como você se sentiu durante essas situações? “Tive vergonha dos meus traços e me sentia intimidada toda vez que alguém me trata diferente por ser nipo-brasileira, pelo meu medo de não conseguir dizer que eu não gostaria de ser referida ou tratada de tal maneira.”

Como você se sente agora? “Me sinto bem melhor depois de tratar minhas inseguranças, mas ainda tenho medo de ser tratada de forma desrespeitosa por causa dos meus traços.”

Miyuki estudou no Brasil do Ensino Básico ao Ensino Médio, mas aparentemente também frequentou uma parte do Ensino Médio no Japão. Ela diz ter sofrido *bullying* apenas no Brasil por causa da sua descendência japonesa. Apesar de Miyuki usar o termo “*bullying* psicológico”, de acordo com essa pesquisa, o seu depoimento se encaixa como *bullying* direto e verbal, recebendo insultos, apelidos e piadas com motivações preconceituosas. Assim como Tarou, pode se notar uma generalização de diferentes etnias asiáticas. Apenas por serem considerados pessoas de aparência parecida, eles são generalizados e sofreram com estereótipos que não são realmente relacionados com seu grupo étnico. Por exemplo, apesar da sua descendência japonesa Miyuki recebe o apelido de “*xingling*”, palavra relacionada a chineses.

As consequências do *bullying* para Miyuki ainda permanecem levemente, sendo o maior impacto, aparentemente, em sua autoestima com a insegurança em seus traços. Razão pela qual acredita-se que a participante tenha usado a

expressão “*bullying* psicológico”, por ser a forma como o fenômeno lhe afetou: psicologicamente. Ademais, pelo depoimento, é capaz que Miyuki também teve dificuldades de se expressar e socializar graças ao medo e intimidação que sentia.

5.3 Relato da Xuxa

“Eu me sentia muito solitária e anormal”
 “Eu me sentia humilhada”
 “Desde pequena, por que eu tinha que ser eu?”

Xuxa foi um dos colaboradores que realizou uma entrevista, além de ter contribuído com um depoimento extenso durante o primeiro questionário cujo qual possui muitos detalhes possíveis de serem analisados. Por esses motivos, acreditou-se ser necessário uma sessão própria para tal coleta de dados.

Foram escolhidos alguns relatos feitos por Xuxa durante a entrevista, os quais contribuíram para entender com mais detalhes seu depoimento escrito, além daqueles que foram vistos como cruciais para essa pesquisa.

Excerto 9: Xuxa

“Vim para o Japão com 2 meses de idade, a minha primeira lembrança de escola foi no jardim de infância. Na escolinha eu tinha muita dificuldade de fazer amigos por ser estrangeira, não demorou muito para o *bullying* começar. Pisavam no meu pé com força durante as apresentações, não deixavam eu brincar com nenhum brinquedo e ninguém brincava comigo também. Acho que não precisava de muitos motivos além de ‘ser estrangeira e filho de *dekassegui*’ para que isso acontecesse. Em seguida, eu não conseguia mais sair de casa e tinha muito medo de ir para a escolinha, hoje em dia vejo o quão isso me afetou a longo prazo. 5 anos e eu não conseguia ir para a escola.

Entrei no fundamental 1, não tenho muitas lembranças, mas lembro que não consegui ter amigos também, mas não me recordo de ter sofrido muito *bullying* nessa época além da exclusão.

[...]

Ao voltar para o Japão nos mudamos para o interior onde não havia quase nenhum estrangeiro, eu não consegui frequentar a escola de novo, fiquei 1 ano parado em casa, [...]

No Japão, eu tinha aprendido a me defender do *bullying*, eu mesma fazia a piada antes que fizessem e assim me protegia dos ataques exteriores. O que na verdade me causou muitos problemas. Nessa época eu tinha 170 cm e pesava 50kg, mas todos me chamavam de ‘gorda’ e vários apelidos relacionados à aparência, desde então tenho muita dificuldade principalmente com o peso e a autoestima no geral. Eu era alvo de muita chacota na escola, tinha algumas redes de suportes que tinha estabelecido, mas tinha muitas pessoas que faziam coisas que me magoavam só que sem perceber. Havia muitas brincadeiras humilhantes, abaixavam minhas calças a força para rir que eu era gorda, batiam na minha cara porque era ‘engraçado’ e outros assédios. E tudo isso ocorria com muita naturalidade, nesse ponto eu já estava querendo voltar logo para o Brasil porque pelo menos não era humilhada dessa maneira.

[...]

Bom, hoje em dia entendo muita coisa, mas sei também que falta muita coisa para curar várias feridas que o período escolar causou. Mas consigo me abraçar um pouco mais em relação a

esses assuntos e conversar sobre isso é doloroso, mas sinto que as pessoas precisam saber de vivências como a minha para nutrir empatia e que isso seja ensinado para as crianças também.”

Xuxa foi uma colaboradora que além de ter morado tanto no Japão quanto no Brasil durante sua formação (do maternal ao Ensino Médio e, eventualmente, a universidade) também diz ter tido experiência como alvo de *bullying* em ambos os países.

Através de seus depoimentos, percebe-se que ela teve experiências com as três classificações de *bullying*: direto verbal, direto físico e indireto. Sobre o período em que frequentou uma creche japonesa, na entrevista, em complemento ao depoimento escrito, ela disse que:

“Uma das primeiras lembranças do *hoikuen*¹⁶ que eu tenho é uma menininha que sempre, sempre, sempre que tinha uma apresentação ela pisava muito forte no meu pé. Ela ficava do meu lado de propósito em todas as apresentações e pisava muito forte no meu pé.”; “Eu não tinha amigos, eu ficava sozinha o tempo todo.”

Suas falas mostram evidências de *bullying* indireto ao ser muito provavelmente isolada e ignorada pelas outras crianças, assim como também eventualmente ocorreu durante o Fundamental 1, como diz em seu depoimento. Observe abaixo o que Xuxa diz sobre sua personalidade na época:

“Eu tinha muita dificuldade em me expressar, não porque eu não sabia falar em japonês, mas eu tinha muita dificuldade em conversar, em falar com as pessoas. Eu era muito quietinha, eu me sentia muito fora daquilo tudo.”

Ainda que sua dificuldade em se expressão ou interagir com as pessoas possivelmente pudesse também ter tido alguma influência na sua socialização, não se exclui a possibilidade de que a situação primeiro partiu de seus colegas. Pois, a própria personalidade mais introvertida é muitas vezes justificativa de autores de *bullying* para escolher alguém como alvo, tal qual foi discutido durante esta pesquisa.

Ainda sobre seu tempo no *hoikuen*, Xuxa comenta sobre a agressão física (*bullying* direto e físico) sofrido pela colega durante as apresentações, ato que aparentemente era deliberado e com o propósito único de machucá-la. Assim como na época do *chuugakkou*¹⁷ quando diz que “batiam na minha cara porque era

¹⁶ “Creche” em japonês, tradução livre

¹⁷ Correspondente ao Ensino Fundamental no Brasil.

'engraçado'". Em complemento, comprovando o intuito consciente de ferir fisicamente Xuxa e a falta de empatia com ela, em entrevista ela conta que "todo mundo ria, porque era engraçado dar um tapão no rosto da estrangeira. "

"Teve dia que eu cheguei a chorar na sala, 'não gostei disso, isso (me) machucou, isso foi ruim' e as pessoas não se importavam, por quê? Estrangeira, né?! Sempre tinha um 'ah, engraçado ver a estrangeira se fuder'."

Assim como o próprio ato de lhe abaixar as calças nos corredores e os 'assédios' – que na entrevista Xuxa definiu como meninas que pegavam em seus seios em público contra sua vontade, também foram exemplos de ataques diretos contra a colaboradora. Xuxa define essa fase da sua vida, o *chuugakkou*, como "uma fase bem pesada porque eu lembro muito".

Por fim, durante todas as suas fases escolares no Brasil, Xuxa comenta sobre as micro agressões que sofreu, classificadas como *bullying* direto e verbal, ou seja, piadas, insultos e apelidos indesejáveis para ela. Houve também alguns outros poucos exemplos de *bullying* direto físico através de gestos e expressões desagradáveis. Com mais detalhes, ela compartilhou na entrevista que ela sofria o seguinte:

"Japa, japinha, me escreve isso, me fala isso', o que gerava um distanciamento. As pessoas não queriam ser minhas amigas, elas queriam saber do Japão, era um desconforto muito grande. E sempre rolava gestos, de puxar o olho, de eu chegar na escola e as pessoas ficarem 'arigatou', 'sayounara'¹⁸, sempre rolava isso, 'ah, de comer de palitinho'."

"As pessoas me chamavam de 'china in box', puxavam o olho, 'pastel de flango', mas naquela época (Ensino Médio no Brasil) eu não sabia o que era isso. Eu ficava perdida, porque eu tinha acabado de chegar do Japão, eu não consumia, eu nunca fui de consumir muita TV brasileira. Então eu ficava muito perdida e eu ficava só rindo e acenando mesmo porque eu não entendia o que eles estavam falando. Mas aí eu comecei a perceber porque eles falavam isso só comigo. Porque eles ficavam falando 'pastel de flango', 'playstation' para mim, e eu comecei a me ligar, me tocar que era só porque eu era japonesa, sabe? E era isso o tempo todo, o tempo todo, mesmo as pessoas que eu considerava amigas, não paravam de fazer isso."

Entretanto, Xuxa também pondera e acredita que ela "[...] sofria *bullying*, não por causa do meu fenótipo, mas sim por eu ter vindo do Japão". Durante a entrevista, também se percebeu que, na verdade, Xuxa apresentava outras motivações

¹⁸ "Obrigado(a)" e "tchau", respectivamente, em japonês, tradução livre

padrões para ser escolhida como alvo de *bullying*, que mais uma vez causam dificuldade em se ter certeza do motivo específico para ela ter sofrido *bullying* ou demonstram a falta de razão consciente dos seus agressores. Isso também fomenta a ideia de que apesar da relação *bullying*-preconceito, o preconceito tem vítimas mais limitadas e não está sempre presente durante o fenômeno de *bullying*. Veja abaixo o depoimento de Xuxa sobre a questão durante a entrevista:

“Eu era mais gordinha que as outras crianças (no *hoikuen*), o que influenciou, era um fator. E eu acho que depende muito do ponto de vista, por exemplo, eu creio que tinham algumas coisas que aconteciam porque eu era estrangeira, porque é o combo, né? Gordinha, introvertida e estrangeira? Vai ficar sem sofrer *bullying*? Não vai, né?”

“Na adolescência, no *chuugakkou*, as coisas começaram a ficar mais pesadas. Eu tinha 1,70 cm e eu pesava 50kg, e as pessoas sempre me chamavam de gorda, o tempo todo, o tempo todo me chamando de gorda.”

Por fim, um ponto interessante no caso de Xuxa foi a forma que ela diz ter desenvolvido para amenizar as ocorrências de *bullying* contra ela, ainda que, ao mesmo tempo, provavelmente lhe causasse um grande impacto psicológico. Xuxa diz que a partir de uma época a forma que achou para se defender foi fazendo piadas consigo mesma e se auto insultar antes que alguém pudesse fazer com ela. Veja:

“Para eu não sofrer *bullying*, eu tinha que fazer *bullying* comigo. Foi essa a mentalidade de ‘ah, entendi’, o que me causou muitos problemas também. Antes de fazerem piada, eu fazia a piada. Antes que me atacassem, como maneira de defesa, eu me rebaixava. Porque eu sabia que era isso que eles iam falar, então se eu falasse antes deles, eles iam ficar: ‘Ah, você também acha isso de você?!’. Então era um assunto em comum, o que faz muito mal. [...] Foi da fase dos 12 aos 15 anos mais ou menos. Me fez muito mal, não é legal fazer essas coisas, mas era a única saída que eu tinha também, porque eu sabia que se eu não fizesse isso ia ser pior.”

Com o passar dos anos, ela comenta como passou a ser mais agressiva, xingar seus agressores e como encontrou nessa reação uma forma quebrar essa situação. Entretanto, vide Fundamentação Teórica, a forma que Xuxa encontrou para lidar com a situação a encaminha para se enquadrar como alvo/provocador de *bullying*. Logo foi surpreendente ouvir como ela percebeu rapidamente sua situação e tentou mudar: “Eu percebi: ‘Não posso fazer isso, porque é o que eles esperam de mim e se eu reajo assim eu dou mais espaço para eles fazerem o que quiserem

comigo’. E eu acho que aprendi muito disso na faculdade“. A partir desse momento, foi um processo de descobertas para Xuxa até ela aprender e desenvolver a melhor forma de lidar com o *bullying* e o preconceito que sofria, na qual o sentimento de revolta foi o primeiro passo para ela entender e enfrentar o problema, objetivando que não aconteça mais no futuro ou interfira na sua vida de forma negativa internamente e externamente.

“Foi uma fase de descoberta, barra, raiva, sabe? Eu comecei a atacar muito mais, principalmente na faculdade. Porque eu aprendi que é assim que se defende e tem que ser assim mesmo, porque ninguém vai fazer isso por mim se não for eu mesma.”

“Demorou muito para eu entender que eu posso falar que eu não gostei e as pessoas vão me ouvir, refletir e não fazer mais aquilo. (Antes) parecia que nunca mais iam falar comigo, porque eu estou indo contra eles. ‘Eu preciso obedecer porque senão eu vou sofrer *bullying*’.”

“Quando finalmente a gente entende que não sou eu o problema, não é você o problema, que o problema são as pessoas e as projeções e o jeito que elas agiram com a gente, eu acho que a gente consegue viver melhor; consegue respirar e entender e sentir revolta, porque eu não sentia revolta, sabe? Porque eu não sabia que era revoltante, porque era parte do meu cotidiano, porque aquilo era o normal. Então depois que eu tive toda essa reflexão eu comecei a me sentir muito melhor comigo mesma.”

“Mas hoje em dia eu vejo que eu estou muito mais tranquila, sabe? Porque eu aprendi a me defender do jeito que não me machuca.”

5.4 O prejuízo aos jovens

Algumas das perguntas feitas no segundo questionário tinham o objetivo de discutir o impacto do *bullying* na socialização e adaptação de crianças, em especial crianças estrangeiras. Assim, abriu-se espaço para comentar sobre o aprendizado dessas crianças.

A pergunta feita foi a seguinte: “Você acredita que o *bullying* possa prejudicar a socialização das crianças? Ou que possa prejudicar na adaptação das crianças nas escolas? No caso de filhos de imigrantes, na adaptação deles naquele país para o qual migraram? Justifique.”. Por unanimidade, os cinco colaboradores (Ana, Caroline, Emi, Miyuki e Seiko) acreditam que sim, o *bullying* pode prejudicar as crianças na socialização e conseqüentemente na adaptação delas na escola ou em

um outro país. Junto com eles, Xuxa, a única entre os nove colaboradores do primeiro questionário, que fez a entrevista, também concorda.

Ao justificar Caroline, apesar de não ser imigrante, assim sendo nascida e criada no Brasil, empaticamente, usa da própria experiência:

“Com certeza, eu que não sou migrante, fui extremamente atingida pelo *bullying*, passei minha infância toda acompanhada de psicólogo, pois minha socialização era quase inexistente. Imagino que filhos de imigrantes, possam sofrer sim ao se adaptarem em um país novo.”

Como visto na Fundamentação Teórica com Fante (2005), as consequências do *bullying* podem ser vitalícias e impactar no desenvolvimento social de alvos de *bullying* que acabam possivelmente apresentando dificuldade em se relacionar. Xuxa, por exemplo, por diversas vezes em sua entrevista deixou a entender que os traumas causados durante sua residência no Japão a fizeram adversa sobre a possibilidade de morar no Japão. Problemas cujo o *bullying* contribuiu para que ela não se adaptasse bem ao país e fomentar a ideia de que ela não é bem-vinda no Japão. Outros impactos negativos que causaram muitos problemas para Xuxa incluem:

“E eu realmente acreditei (que eu era gorda) porque eu só sabia daquilo, daquela realidade. Eu não sabia que eu não era gorda, se todo mundo me falar (como não acreditar)? E eu comecei a desenvolver uma pressão que vem comigo até hoje, não chega a ser uma bulimia ou coisa do tipo, mas eu sempre fico meio mal em relação ao meu corpo por causa disso.”

“Estando no Japão, nesse momento, eu sinto que tem essa influência, sabe? De tudo que aconteceu, de *bullying*, etc. Eu vejo as crianças, os adolescentes, eu passo mal. Eu fico toda me tremendo, porque eu lembro, porque eu tenho traumas, e eu fico: ‘ah, meu deus, eles vão fazer *bullying* comigo de novo’ e eu ‘mó’ adulta.”

“Quando eu vejo uma menina mono racial bonita e magra eu já fico passando mal. ‘eu não sou esse padrão’, eu entendo que está tudo bem, mas eu não consigo aceitar e eu sei porque não consigo aceitar, São coisas que plantaram em mim, que tiraram a auto estima de mim há muito tempo”

São consequências pessoais impactantes, para a sua autoestima, e psicológicas, já que Xuxa tem traumas e gatilhos até hoje. Para complementar, Seiko, outro participante disse o seguinte sobre acreditar que o *bullying* tenha influenciado em como ele é hoje:

“Graças a terapia venho revendo como me fechei perante a isso, para falar sobre emoções e como também reduzo conflitos com o uso da raiva, também colonizado pelas violências.”

Pode-se perceber que ele cita outra consequência possível: se tornar suscetível a desenvolver agressividade, ainda que Seiko não tenha em nenhum momento dito ter realizado qualquer ato violento. Entretanto, também pode se notar sua dificuldade em se expressar por causa do ocorrido, especialmente por Seiko também já ter comentado que durante seus anos escolares ele tinha dificuldade em interagir e criar vínculos: “(Eu) tive muita dificuldade em me enturmar com meninos por haver muita violência física e xingamentos, mas de forma amena.”.

Outra pergunta realizada no segundo questionário foi a seguinte: “Você acredita que o *bullying* possa prejudicar no aprendizado dessas crianças, em especial da língua estrangeira? Justifique.”. Novamente, por unanimidade, todos os participantes opinaram que há prejuízo no aprendizado de língua das crianças. Separamos, por tanto, alguns depoimentos:

Excerto 1: Ana

“Linguagem é interação social. Dificílimo ter motivação se você apanha ou é excluído. Além disso, a própria saúde mental da criança passa por tantas coisas.”

Excerto 2: Caroline

“Sim. O *bullying* faz a criança se retrair e para aprender uma nova língua precisa de uma certa abertura para conversar com o outro, o que fica prejudicado.”

Excerto 3: Seiko

“Sim, o *bullying* desmotiva a criança a frequentar a sala de aula, faz com que ela se sinta em alerta dentro dela, e não concentrada para aprender.”

Excerto 4: Emi

“Sim, recebendo maus tratamentos dos colegas a criança pode perder o interesse no país e na língua.”

Como podemos perceber, na verdade, o aprendizado da língua, na opinião dos participantes, se conecta a dificuldade de interação social das crianças e a adaptação nas escolas. O *bullying*, como vimos, é um motivador para evasão das escolas e, até mesmo, para a completa desistência de estudo. A falta de um ambiente propício e seguro, desmotiva as crianças e interfere diretamente em seu rendimento escolar. Como comentado, citando Krashen (1987, apud RAMOS, 2007), a língua estrangeira faz uso da comunicação e a falta de um incentivo positivo para os alunos poderem se comunicar, seja praticando a oralidade ou fazendo perguntas, torna difícil a assimilação de uma nova língua. Logo, talvez o *bullying*, ao prejudicar

o desenvolvimento social das crianças, impacta diretamente no aprendizado, não somente, mas especialmente da língua estrangeira. Porém, não apenas se limitando ao problema de interação, como o depoimento de Seiko diz, a própria desmotivação em aprender ou de frequentar a escola já é um impacto direto no aprendizado desses jovens.

Por fim, Seiko e Xuxa trouxeram exemplos que mostram como o impacto psicológico do *bullying* pode interferir diretamente no aprendizado.

Excerto 5: Seiko

“Eu sou Shintate (sobrenome), na antiga 5ª série que é o 6º ano, minha pior nota da vida de matemática foi nesse ano (aula de) um professor que me chamava de “shitake¹⁹”, algo que foi muito inconsciente²⁰. E apesar de minha pesquisa ser sempre (voltada) em ecologia e conservação, mas eu uso das exatas de forma analítica [...], daí foi um momento de estar em confronto com isso de novo, superar meio que um *lag* (“atraso”) de informação de matemática que ficou dessa época.”

Aqui o professor de Seiko comete *bullying* direto e verbal contra ele, seu próprio aluno, trazendo consequências de curto prazo na época que afetaram seu rendimento escolar e a longo prazo como um trauma não superado.

Excerto 6: Xuxa

“Teve uma época da minha vida em que eu fiquei sem ir para escola, por um ano... dois anos. Foi quando, eu não tinha diagnóstico, mas eu provavelmente tive depressão infantil e eu não conseguia ir para a escola. Porque eu ia para escola e, mesmo que as pessoas não estivessem olhando feio para mim, eu pensava que as pessoas estavam olhando feio para mim. ”

A escola passa a ser um local perigoso e opressor, o que interfere na vontade do aluno em permanecer naquele ambiente, já que ele não quer continuar a ser alvo de agressões. Obviamente, isso também acaba interferindo no seu aprendizado. Como foi discutido ao longo dessa pesquisa, quando o ambiente escolar passa a ser assustador para a criança não é difícil que essas crianças desistam da escola em busca de segurança.

¹⁹ Um tipo de cogumelo.

²⁰O colaborador usou a palavra “inconscientização”, a fala foi alterada para ser melhor compreendida.

CAPÍTULO VI

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo visa averiguar se através desta pesquisa o objetivo geral e os objetivos específicos foram alcançados, para tanto iremos retomá-los e, em conjunto, averiguar as respostas para as questões desta pesquisa. A conclusão também conta com uma visão geral e resumida das contribuições dos colaboradores, bem como considera os limites encontrados, que caso superados, possam contribuir para promover novos estudos sobre o tema e gerar sugestões para futuras pesquisas.

6.1 Retomando os objetivos de pesquisa

Sendo assim buscou-se compreender o fenômeno *bullying* voltado para nipo-brasileiros no cenário escolar Brasil e Japão. Com base nas respostas dos sujeitos de pesquisa pode-se identificar os objetivos propostos nesta pesquisa.

- a) Compreender o contexto dos possíveis casos de *bullying* ocorridos com os nipo-brasileiros;
- b) Identificar contextos e motivações para a ocorrência de *bullying* contra alunos que se encaixam no perfil de descendentes nipo-brasileiro nas escolas;
- c) Identificar se o *bullying* interfere no aprendizado de língua desses alunos e sua adaptação social no cenário escolar Brasil e Japão;

6.2 Retomando as perguntas de pesquisa

Para atingir os objetivos dessa pesquisa, e utilizando dos questionários e das entrevistas obteve-se as respostas para as perguntas de pesquisa.

“Existem alunos descendentes nipo-brasileiros que experienciam *bullying* por conta de sua etnia? Se sim, como o *bullying* acontece nas escolas japonesas e nas escolas brasileiras?” Sim, existem alunos descendentes nipo-brasileiros que experienciam *bullying* por conta de sua etnia. Entretanto, as razões para esses nipo-brasileiros serem alvos de *bullying* não se limita a sua etnia ou descendência, muitas

podem ser as motivações que vão de questões da aparência a personalidade e comportamento. Infelizmente, não foi possível observar um parâmetro concreto entre o *bullying* que ocorre nas escolas japonesas e nas escolas brasileiras através desta pesquisa. O que se pode observar, porém, foi que mesmo com poucos depoimentos, notou-se mais ocorrências de *bullying* direto e verbal nas escolas brasileiras e *bullying* direto físico nas escolas japonesas. Entretanto, o número de objetos de pesquisa ainda foi pequeno para estabelecer uma certeza.

“Como o *bullying* voltado para *nikkeis* pode afetar na aprendizagem da língua? O *bullying* também interfere na adaptação social desses alunos?” Não foi possível adquirir uma resposta concreta para esta pergunta que fosse baseada no depoimento de experiências reais dos colaboradores. Porém, através dos questionários foi possível abrir um debate no qual cinco colaboradores concordaram que o *bullying* interfere na capacidade de interação social dos alunos, o que afeta diretamente sua participação em sala e conseqüentemente no aprendizado e aquisição de língua estrangeira. A desistência escolar também é outro fator que implica na aprendizagem dos alunos, incluindo a da língua estrangeira. Sobre a adaptação social, os colaboradores que puderam contribuir para a resposta da pergunta também acreditam na interferência do *bullying* na adaptação social dos alvos. Xuxa, por exemplo, por experiência própria, expressa suas dificuldades em viver em um país no qual sofreu *bullying* e preconceito durante a infância.

6.3 Conclusão

O *bullying* apesar de ser tema recente de discussão e de pesquisas é um fenômeno cada vez mais real na vida escolar de crianças, adolescentes e jovens. Considerando também suas conseqüências catastróficas que incluem prejuízos sociais, psicológicos, pessoais e emocionais, o *bullying* se torna cada vez menos ignorável.

O *bullying* se relaciona com o preconceito, outro fenômeno com conseqüências preocupantes para a sociedade, já que os alvos de *bullying* podem sofrer agressões físicas ou verbais por fazerem parte de uma minoria social. Mesmo que entre as maiores justificativas para o *bullying* não inclua necessariamente diferentes grupos etno-sociais, a rejeição das diferenças é um grande motivador

para se tornar alvo. Graças a essa relação e a recusa em se aceitar o diferente, somado aos depoimentos de experiências reais dos colaboradores, fica claro que existe *bullying* direcionado aos descendentes nipo-brasileiros por causa de sua etnia.

As motivações para o *bullying* contra os nipo-brasileiros basicamente se resumem ao preconceito e crenças que buscam diminuir as particularidades de uma minoria elevando os atributos de um outro grupo. Em sua maioria, o *bullying* recebido por esses *nikkeis* parece ser do tipo direto. A razão para se chegar a essa conclusão é porque a maioria dos casos relatados gira em torno de insultos verbais, apelidos indesejados e expressões e gestos que geram mal-estar aos alvos – “japa”, “xingling”, “pastel de ‘flango’”, expressões e gestos com relação ao fenótipo. Em alguns casos, também se observou agressão física.

Infelizmente, uma das limitações desta pesquisa ocorreu por causa do número de participantes e as dificuldades encontradas com o primeiro questionário. Ambos os fatores dificultaram a coleta de dados ser suficiente para entender as semelhanças e diferenças entre as ocorrências de *bullying* nas escolas do Brasil e no Japão. Por causa disso também, alguns depoimentos acabaram sendo menos detalhados que outros, assim como os participantes do primeiro questionário não responderam perguntas que depois foram incluídas no segundo questionário.

Em relação a adaptação dos jovens e ao aprendizado, esta pesquisa foi capaz de chegar a uma análise interpretativa. Outra limitação causada pela gama limitada de diversidade entre os colaboradores e as complicações com o primeiro questionário. Entretanto, com base nas consequências já pré-estabelecidas por outras dissertações e pesquisadores, além de alguns depoimentos, não é refutável a grande probabilidade de o *bullying* interferir na adaptação desses jovens em ambos os países. O ambiente hostil construído pelos agentes de *bullying*, pode desestimular os alvos a interagir e gerar impactos em seu desenvolvimento social, tanto em sala de aula quanto com colegas. Atrelado a isso, a dificuldade de adaptação e interação social pode fomentar a desmotivação dos jovens quanto à escola e ao aprendizado. As vítimas de *bullying*, ou até mesmo as testemunhas se sentem acuadas para se comunicarem em sala e, no pior dos casos, a falta de segurança na escola pode levar à desistência escolar. Entender melhor se essa condição é real e sua frequência, talvez possa contribuir para a melhor educação de jovens *nikkeis* tanto no Brasil quanto no Japão. Para além do mais, tanto o *bullying* quanto o estudo deste focado em uma minoria em especial, ainda carece de mais

pesquisas e questionamentos. Entender, por exemplo, as diferenças nas circunstâncias do fenômeno ocorrido em uma escola brasileira em comparação a uma escola japonesa pode gerar diferentes formas de lidar com a situação. O Brasil e o Japão têm uma história de migração de mais de um século, a fim de preservar as boas relações entre os países e zelar pelas novas gerações de *nikkeis*, é necessário antes de tudo protegê-los e acolhê-los em sociedade, a começar pela escola.

REFERÊNCIAS

- 114 anos de Japão no Brasil. Revista Museu, Brasília, 18 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/internacionais/14509-18-06-2022-114-anos-de-japao-no-brasil.html>>. Acesso em: 16 de set. de 2022
- ANTUNES, D. C. Razão Instrumental e Preconceito: Reflexões sobre o Bullying, 2008, p. 230, Dissertação (Monografia) - UFScar, São Carlos, 2008
- ANTUNES, Deborah; ZUIN, Antonio Alvaro Soares. Do Bullying ao preconceito: dos desafios da barbárie à educação. Psicologia e Sociedade, v.20, p. 33-42, 2008
- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. Revista Psicologia Escolar Educacional, Maringá, v. 16, n. 1, p. 35-44, jun. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>.
- BARBOSA, Altemir José Gonçalves; LOURENÇO, Lélío Moura; PEREIRA, Beatriz (Org.). Bullying: conhecer e intervir. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011. 147 p.
- BOCCHINI, Bruno. Entidades japonesas comemoram 112 anos de imigração ao Brasil. Agência Brasil, 2020. Disponível em: <[https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-06/entidades-japonesas-comemoram-112-anos-de-imigracao-ao-brasil#:~:text=Descendentes%20e%20simpatizantes&text=De%20acordo%20com%20a%20entidade,%2C%20com%201%2C9%20milh%C3%A3o](https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-06/entidades-japonesas-comemoram-112-anos-de-imigracao-ao-brasil#:~:text=Descendentes%20e%20simpatizantes&text=De%20acordo%20com%20a%20entidade,%2C%20com%201%2C9%20milh%C3%A3o.)>. Acesso em: 12 de set. de 2022
- BRASIL. Lei nº 9.459 de 15/05/97, de 13 de maio de 1997. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p.9901, 14 de maio de 1997. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.459%2C%20DE%2013,7%20de%20dezembro%20de%201940](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.459%2C%20DE%2013,7%20de%20dezembro%20de%201940.)> Acesso em 19 de ago. de 2022.
- BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal n.º 10.172, de 9 de jan. de 2001. Brasília: MEC, 2001c. Disponível em: < <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>> Acesso em 2 de ago. de 2022.
- BRÊTAS, J. R. S.; MORAES, S. P. Preconceito e bullying no ambiente escolar. Revista Educação, São Paulo, v.15, n.1, p. 147- 157, 2020. Disponível em: < <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4015/0> >. Acesso em: 1 de set. de 2022
- BULLYING. In: CAMBRIDGE Dictionaries Online. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/bullying> >.

CHAVES, D. R.; SOUZA, M. R. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. Revista brasileira de educação, v. 23, p. 1-17, 2018

COSTA, João Pedro Corrêa. De decasségui a emigrante. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

CROCHIK, José Leon. Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. Psicologia-Universidade de SP-USP, v. 30, p.1, 2019.

FANTE, C. Fenômeno bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ªed. Campinas: Versus 2005

FERREIRA, A. J. Diversidade Étnico-Racial: histórias de professores de línguas. In: Formação Inicial e Continuada de Professores de Línguas: Dimensões e ações na pesquisa e na prática, Campinas, São Paulo, v. 1, Pontes, 2009, p.99-112

FREUD, Sigmund. [1921?] Psicologia das massas e análise do Eu. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/57192-Psicologia-das-massas-e-a-analise-do-eu.html>>. Acesso em:

GIL, A. C. Estudo de caso. São Paulo: Atlas, 2009.

HARADA, Kiyoshi; *et al.* O nikkei no Brasil: associação para comemoração do centenário da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: Atlas, 2008

KONIGAME, Maria Juliana. O local e o global na comunidade nipo-brasileira: um exercício sociológico sob o prisma dos jovens na cidade de São Paulo, 201, p. 201, Dissertação – FFLCH, São Paulo, 2011

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, M.J.D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. In: Revista portuguesa de educação, Braga, Portugal, v. 18, n.01, p. 93-115, 2005.

NAKAMURA, Jéssica; TERAÔ, Susana. Brasileiros de ascendência asiática relatam ataques racistas durante a pandemia. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/brasileiros-de-ascendencia-asiatica-relatam-ataques-racistas-durante-a-pandemia.shtml>>. Acesso em: 04 de ago. de 2022.

MEZZELA, Rita. O que é bullying? Construir Notícias. V. 07, n. 40, p. 5-7, maio/jun. Recife, 2008Disponível em <<https://www.construirnoticias.com.br/o-que-e-bullying/>>. Acesso em: 21 de ago. de 2022

RAMOS, A. K. S. Bullying. A violência tolerada na escola. Curitiba: PDE, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_unioeste_lem_artigo_ana_karina_sartori.pdf> Acesso em: 5 de set. de 2022

SAYURI, Juliana. Brasileiros nascidos no Japão mudam perfil de imigração e vivem limbo de idiomas. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/brasileiros-nascidos-no-japao-mudam-perfil-de-imigracao-e-vivem-limbo-de-idiomias.shtml>>. Acesso em: 14 de set. de 2022

TUBAMOTO, Fernanda Tiemi. De cuspe na cara aos 125 golpes na cabeça: onda de ataques contra asiáticos. Estado de Minas, 2022. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/03/21/noticia-diversidade,1353824/do-cuspe-na-cara-aos-125-golpes-na-cabeca-onda-de-ataques-contra-asiaticos.shtml>>. Acesso em: 04 de ago. de 2022.

VIOLÊNCIA. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/viol%C3%Aancia/>>.

APÊNDICE A

Questionário 1

17/09/2022 01:07

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: *bullying*

Me chamo Maria Luiza Tokobaro Azevedo, estudante de Letras e Literatura japonesa da UnB.

Este questionário foi feito com o intuito de ajudar na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): "**Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: *bullying***" (Título provisório). Pra tanto, qualquer informação colhida por meio deste questionário não será distribuída sem a autorização dos colaboradores ou será utilizada para qualquer outros fins que não os deste TCC. Além disso, a contribuição dos colaboradores será inteiramente anônima.

Para quaisquer dúvidas e clarificações, favor entrar em contato comigo através do seguinte e-mail:
malu.tokobaro@gmail.com

*Obrigatório

Introdução

Informações para contato e informações do(a) colaborador(a)

1. E-mail para contato *

2. Nome *

3. Pseudônimo (Por favor, escolha um nome fictício para ser utilizado na pesquisa) *

4. Idade *

17/09/2022 01:07

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

5. País e cidade em que reside atualmente (Ex.: Brasil, Brasília) *

6. Descendência *

Marcar apenas uma oval.

- Issei (primeira geração)
- Nissei (segunda geração)
- Sansei (terceira geração)
- Yonsei (quarta geração)
- Outros

Brasil

7. Você morou no Brasil durante o período escolar? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

8. Você estudou em escola brasileira? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não morei no Brasil

17/09/2022 01:07

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

9. Durante qual etapa escolar você estudou em escola brasileira? (Pode escolher mais de uma opção, se for o caso) *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Ensino Básico (2º - 5º ano/1ª - 4ª série)
 Ensino Fundamental (6º - 9º ano/5ª - 8ª série)
 Ensino Médio
 Não morei no Brasil ou estudei em escola brasileira

10. Você acha que teve dificuldade em aprender português? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não sei dizer
 Não sei falar português

Japão

11. Você morou no Japão durante o período escolar? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

12. Você estudou em escola japonesa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não morei no Japão

17/09/2022 01:07

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

13. Durante qual etapa escolar você estudou em escola japonesa? (Pode escolher * mais de uma opção, se for o caso)

Marcar tudo o que for aplicável.

- Ensino Básico (2º - 5º ano/1ª - 4ª série)
- Ensino Fundamental (6º - 9º ano/5ª - 8ª série)
- Ensino Médio
- Não morei no Japão ou estudei em escola japonesa

14. Você acha que teve dificuldade em aprender japonês? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não sei dizer
- Não sei falar japonês

Bullying

15. Antes de continuarmos, responda: Para você o que significa *bullying*? *

16. Você já sofreu *bullying* na: *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Escola japonesa (no Japão)
- Escola brasileira (no Brasil)
- Em ambos
- Nunca sofreu bullying

17/09/2022 01:07

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

17. Sobre o *bullying*, você acredita que ocorreu por causa da sua descendência japonesa? Ou por causa da sua etnia brasileira? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Mais ou menos
- Não sei
- Nunca sofri bullying

18. Poderia compartilhar a sua experiência *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

APÊNDICE B

Questionário 2

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: *bullying*

Me chamo Maria Luiza Tokobaro Azevedo, estudante de Letras e Literatura japonesa da UnB.

Este questionário foi feito com o intuito de ajudar na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): "**Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: *bullying***" (Título provisório). Pra tanto, qualquer informação colhida por meio deste questionário não será distribuída sem a autorização dos colaboradores ou será utilizada para qualquer outros fins que não os deste TCC. Além disso, a contribuição dos colaboradores será inteiramente anônima.

Nota importante: **Por favor, fique atento a sua caixa de e-mail! Enviaremos um Termo de Consentimento para ser assinado para que assim possamos usar das informações dispostas neste questionário. Grata.**

Para quaisquer dúvidas e clarificações, favor entrar em contato comigo através do seguinte e-mail: malu.tokobaro@gmail.com

*Obrigatório

Introdução

Informações do(a) colaborador(a) e informações para contato.

1. **E-mail para contato ***

2. **Nome completo ***

3. **Pseudônimo ***

(Por favor, escolha um nome fictício para ser utilizado na pesquisa)

4. **Idade ***

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

5. Residência *

País e cidade em que reside atualmente (Ex.: Brasil, Brasília)

6. Descendência **Marcar apenas uma oval.*

- Issei (primeira geração)
- Nissei (segunda geração)
- Sansei (terceira geração)
- Yonsei (quarta geração)
- Outros

**Educação -
Brasil**

Nessa secção serão feitas perguntas em relação ao seu período escolar no Brasil

7. Você morou no Brasil durante o período escolar? **Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

8. Durante esse período escolar, você estudou em escola brasileira? **Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não morei no Brasil durante meu período escolar

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

9. Durante qual etapa escolar você estudou em escola brasileira? *Pode escolher mais de uma opção, se for o caso.* *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Maternal/Jardim de infância
- Ensino Básico (2º - 5º ano/1ª - 4ª série)
- Ensino Fundamental (6º - 9º ano/5ª - 8ª série)
- Ensino Médio
- Não morei no Brasil ou estudei em escola brasileira

10. Você acha que teve dificuldade em aprender português? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não sei dizer

11. Sendo nipo-brasileiro, como foi sua experiência escolar no Brasil? Se for o caso, como foi sua adaptação na escola, ou em um país diferente? *

**Educação -
Japão**

Nessa seção serão feitas perguntas em relação ao seu período escolar no Brasil

12. Você morou no Japão durante o período escolar? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

13. Durante esse período escolar, você estudou em escola japonesa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não morei no Brasil durante meu período escolar

14. Durante qual etapa escolar você estudou em escola japonesa? *Pode escolher mais de uma opção, se for o caso.* *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Maternal/Jardim de infância
- Ensino Básico (2º - 5º ano/1ª - 4ª série)
- Ensino Fundamental (6º - 9º ano/5ª - 8ª série)
- Ensino Médio
- Não morei no Japão ou estudei em escola japonesa

15. Você acha que teve dificuldade em aprender japonês? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não sei dizer
- Não sei falar japonês

16. Sendo nipo-brasileiro, como foi sua experiência escolar no Japão? Se for o caso, como foi sua adaptação na escola, ou em um país diferente? *

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

**Bullying e
Preconceito**

“O preconceito pode ser compreendido como a exteriorização de preconceções e/ou percepções da realidade equivocadas e distorcidas em relação a determinados aspectos sociais, econômicos, culturais, étnicos, e que normalmente possuem como destinatários outrem com traços, personalidade, visão de mundo diversos do transmissor do preconceito.” (VITORINO & VITORINO, 2018, p. 96)

“Para definição, o bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angustia, sendo executado dentro de uma relação desigual de poder.” (LOPES NETO, 2005, p. S165)

17. Com base nas definições de *Bullying* e *Preconceito* apresentada acima, você concorda com elas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Mais ou menos

18. Justifique sua resposta anterior *

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

19. Nas suas palavras, para você, o que significa *bullying*? *

20. Nas suas palavras, para você, o que significa preconceito? *

21. Você já foi alvo de preconceito no: *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Japão
- Brasil
- Ambos
- Nunca sofreu preconceito

22. Você já sofreu *bullying* na: *

(É possível escolher mais de uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- Escola japonesa (no Japão)
- Escola brasileira (no Brasil)
- Em ambos
- Nunca sofreu bullying

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

23. Sobre o *bullying*, você acredita que ocorreu por causa da sua descendência japonesa? Ou por causa da sua etnia brasileira? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Mais ou menos
- Não sei
- Nunca sofri bullying

24. Sobre o *bullying*, você acredita que ocorreu por alguma outra razão? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Mais ou menos
- Não sei
- Nunca sofri bullying

25. Por favor, justifique a resposta anterior dando exemplos de razões pelas quais acredita ter sofrido *bullying* *

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

26. Por favor, poderia compartilhar em detalhes sua experiência com o *bullying*? *
Se tiver sido o caso, como ocorreu? (ex: foi físico, verbal, psicológico, isolamento, etc) Foi com você ou com alguém próximo? Poderia nos dar exemplos de situações?

27. Quando aconteceu? E/ou quando você se deu conta de que sofria/sofreu *bullying*? *

28. Como você se sentiu durante essas situações? Ou durante o período em que você sofreu *bullying*? *

29. Como você se sente agora? Acredita que o que aconteceu influenciou você de alguma forma nos dias de hoje? *

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

30. Qual sua opinião sobre o *bullying* contra *nikkeis* nas escolas? *

31. Você acredita que o *bullying* possa prejudicar na socialização das crianças? *
Ou que possa prejudicar na adaptação das crianças nas escolas? No caso de filhos de imigrantes, na adaptação deles naquele país para o qual migraram?
Justifique.

32. Você acredita que o *bullying* possa prejudicar no aprendizado dessas crianças, *
em especial da língua estrangeira? **Justifique.**

**Considerações
finais**

Agradeço pela sua contribuição para a minha pesquisa.
Em poucos dias será enviado para o seu e-mail um Termo de Consentimento para que as informações neste questionário possam ser aproveitadas na pesquisa. Peço, por favor, que assinem e me enviem. Grata.

17/09/2022 01:08

Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying

33. As respostas aqui compartilhadas poderão ser utilizadas no todo ou em parte *
no TCC "**Os desafios enfrentados pelos descendentes nipo-brasileiros: bullying**" (Título provisório) exclusivamente para fins acadêmicos

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

34. Caso seja necessário a realização de um entrevista online, você estaria *
disposto(a) a participar?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

APÊNDICE C

ROTEIRO DA ENTREVISTA

A pretensão da entrevista é ser feita de forma livre, em forma de debate entre os colaboradores, porém foram preparadas algumas perguntas para facilitar a coleta de dados pertinente à pesquisa e não fugir do assunto;

- 1) Se você se sentir confortável, poderia contar sobre sua experiência com o *bullying*?
 - a) Quando, aproximadamente, você experienciou o *bullying*?
 - b) Como você experienciou o *bullying*? (Físico, indireto, psicológico, exemplos de situações, etc)
 - c) Por que você acha que sofreu *bullying*? Causas e Motivos.
- 2) Como e quando você se deu conta de que sofria/sofreu *bullying*?
- 3) Poderia compartilhar sobre como se sentiu durante a época em que o *bullying* ocorreu?
- 4) Como você se sente agora? Acredita que o que aconteceu influenciou você de alguma forma atualmente?
- 5) Qual sua opinião sobre o *bullying* contra *nikkeis* nas escolas?

APÊNDICE D



Universidade de Brasília
 Instituto de Letras – IL
 Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
 Orientadora: Profª Drª Yuko Takano

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE REALIZAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa *enfrentados pelos nipo-brasileiros: bullying* (título provisório), desenvolvida pela pesquisadora Maria Luiza Tokobaro Azevedo, discente de graduação em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profª Drª Yuko Takano.

Os dados serão coletados por meio de questionários e sua participação é voluntária, sendo assegurado que as informações fornecidas e divulgadas serão verídicas. Além disso, esclarecendo que:

- Sua participação é voluntária e espontânea.
- Você pode encerrar sua participação em qualquer estágio da pesquisa.
- Todas as respostas permanecerão anônimas e a sua identidade será totalmente resguardada, sendo apenas identificada por um pseudônimo.
- As respostas poderão ser utilizadas no todo ou em parte em monografias, artigos e em congressos exclusivamente para fins acadêmicos.
- A participação nesta pesquisa inclui o preenchimento de um questionário escrito e, caso necessário será aplicada uma entrevista oral e gravada.

Sua identidade será preservada por pseudônimo, conforme um dos princípios éticos da investigação acadêmica.

Brasília, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do participante

Nome (opcional): _____

APÊNDICE E



Universidade de Brasília
 Instituto de Letras – IL
 Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
 Orientadora: Prof^a Dr^a Yuko Takano

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa enfrentados pelos nipo-brasileiros: bullying (título provisório), desenvolvida pela pesquisadora Maria Luiza Tokobaro Azevedo, discente de graduação em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a Dr^a Yuko Takano.

Os dados serão coletados por meio de questionários e sua participação é voluntária, sendo assegurado que as informações fornecidas e divulgadas serão verídicas. Além disso, esclarecendo que:

- Sua participação é voluntária e espontânea.
- Você pode encerrar sua participação em qualquer estágio da pesquisa.
- Todas as respostas permanecerão anônimas e a sua identidade será totalmente resguardada, sendo apenas identificada por um pseudônimo.
- As respostas poderão ser utilizadas no todo ou em parte em monografias, artigos e em congressos exclusivamente para fins acadêmicos.
- A participação nesta pesquisa inclui o preenchimento de um questionário escrito e, caso necessário será aplicada uma entrevista oral e gravada.

Sua identidade será preservada por pseudônimo, conforme um dos princípios éticos da investigação acadêmica.

Brasília, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do participante

Nome (opcional): _____

